

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
ANTONIO LEANDRO DIAS PAGOTTO

A CANA-DE-AÇÚCAR NO MUNICÍPIO DE VIRADOURO:
RELATOS DE AGRICULTORES (1980-1990)

RIBEIRÃO PRETO – SP

2010

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
ANTONIO LEANDRO DIAS PAGOTTO

A CANA-DE-AÇÚCAR NO MUNICÍPIO DE VIRADOURO:
RELATOS DE AGRICULTORES (1980-1990)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção da Licenciatura Plena em História do Centro Universitário Barão de Mauá, com orientação do Prof. Dr. Wlaumir Doniseti de Souza.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2010

PAGOTTO, Antonio Leandro Dias.

A cana-de-açúcar no município de Viradouro: Relatos de Agricultores (1980-1990) / Antonio Leandro Dias Pagotto. 2010. 72f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Centro Universitário Barão de Mauá, 2010.

1. Cana-de-açúcar. 2. Pequenos Agricultores. 3. Relatos Orais.

Resumo

Este trabalho é uma análise de agricultores que compõem a sociedade sucroalcooleira no município de Viradouro. Foi desenvolvido utilizando-se a metodologia história oral, especificamente a metodologia oral temática, buscando sempre referências por meio dos relatos que se encaixavam no perfil da agricultura regional da cana-de-açúcar. Em face das informações obtidas pelos relatos concedidos é feita a escrita do trabalho, analisando a sociedade sucroalcooleira em si, como ela surgiu, sua história, como foi seu crescimento diante das dificuldades oferecidas pelo cenário agrícola em Viradouro nos anos 1980 e 1990, as transformações nessa sociedade.

É interessante apontar por intermédio dos relatos que está ocorrendo basicamente o afastamento, ou melhor, a impessoalização capitalista do usineiro diante do produtor de uma maneira cada vez mais acentuada, o que remete a ampliação da exploração do pequeno agricultor diante da modernização do campo e chegada do complexo agroindustrial sucroalcooleiro. Pelas afirmações dos sujeitos da pesquisa os incentivos governamentais não atingiram o pequeno agricultor, fazendo com que houvesse cada vez mais terras arrendadas como única possibilidade de manutenção da pequena propriedade face aos grandes agricultores ou grupos agroindustriais (usina).

Palavras chave: Cana-de-açúcar; Pequenos Agricultores; História Oral.

Abstract

This paper is an analysis of farmers who make up society at Viradouro sugarcane. It was developed using the oral history methodology, specifically the thematic approach oral, always looking for referrals through the records that fit the profile of agriculture regional cane sugar. In the light of information obtained by the accounts given is done writing the work, analyzing the company itself sugarcane, as it arouse, its history, as it growth over the difficulties offered by the agricultural scenario in Viradouro in 1980 and 1990, changes this society.

It is interesting to note that through the reports basically is going the distance, or rather the impersonal capitalist mill owner before producing an ever more pronounced, which suggest the expansion of exploitation of small farmers in the face of modernization of the countryside and the arrival sugarcane agroindustrial complex. By the findings of the research subjects government incentives did not reach the small farms compared to large farmers or agroindustrial groups (plant).

Keywords: Sugar cane; Small farmers; Oral history.

Agradecimento

Agradeço primeiramente à Deus por ter concedido saúde para trabalhar e estudar. Aos meus familiares que sempre me apoiaram, meus irmãos Vitor e Gustavo, à meus pais Antonio e Marilda, que sempre me deram total condições e estrutura ao longo desta jornada acadêmica desde o início e na vida; ao professor Wlaumir, orientador e grande mestre, creio que não fosse pelo seu conhecimento valoroso não conseguiria chegar até aqui com minhas próprias pernas, o meu muito obrigado. Aos amigos que fiz nesses anos de licenciatura, pessoas incríveis, aos que não citei mas que fizeram parte disso. Aos agricultores que cederam algumas horas de atenção para que esse trabalho fosse escrito e posto à disposição de outros.

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1 – História Oral	11
Capítulo 2 – A cana-de-açúcar e Viradouro	21
2.1 – A cana na Colônia e no Império	22
2.2 – A cana na República	26
Capítulo 3 – A Agroindústria nos relatos dos agricultores	35
3.1 – As transformações agroindustriais	35
3.2 – Os entrevistados e a terra	38
3.3 – A cultura sucroalcooleira	40
Considerações Finais	47
Referências	50
Bibliografia	50
Fontes	52
Apêndice	53
A – Entrevista com o sr. José Carlos Porcionato	53
B – Entrevista com o sr. José Matheus	59
C – Entrevista com o sr. Milton Debage	66
Anexo	72

Introdução

A temática relacionada à cana-de-açúcar e suas implicações, o complexo agrícola e suas especificidades são de suma importância nos dias atuais. As mudanças que implicam o complexo agrícola no ritmo urbano de cidades interioranas e nos produtores, o problema ambiental, a questão do aluguel do solo à exploração da cana, à imposição da monocultura acarreta alterações sócio-econômicas no município.

O setor sucroalcooleiro tem influencia principalmente na política e na economia modificando como melhor entende as relações com o município no qual se instala, assim como com os fornecedores e com estes em maior grau. Neste ponto, é relevante, nesse contexto, a visão do pequeno agricultor desse desarranjo das “relações tradicionais” em nome da cana e seu mundo capitalista peculiar de ingerência na produção e na política. Dar voz para o discurso do pequeno agricultor é o foco desta pesquisa com suas possíveis críticas e proposta face ao sistema.

Destarte, esta monografia tem por objetivo pesquisar, pela metodologia oral a partir da técnica da entrevista, os relatos dos agricultores, sobre a sociedade sucroalcooleira, como ela surgiu, sua história, como foi seu crescimento e as dificuldades oferecidas pelo cenário agrícola regional e nacional, com ênfase às décadas de 1980 e 1990.

A metodologia da história oral consiste em recolher testemunhos ou relatos de pessoas que possam colaborar para o estudo de acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea a partir da experiência de vida do entrevistado, que vivenciou ou ouviu falar do acontecimento. A história oral surgiu como forma de valorização das memórias e recordações de indivíduos ou grupos de pessoas.

Dentre os estilos de história oral (história oral de vida, tradição oral e história oral temática); *história oral de vida* tem como meta retratar os caminhos de vivências pessoais que, contudo, se explicam em grupos afins (sejam familiares, comunidades, coletivos que tenham destinos comuns); *história oral temática* é o recurso que busca analisar um determinado evento ou situação a ser esclarecida segundo o estabelecimento de questionários orientados para fins específicos e *tradição oral* é a prática decorrente do levantamento e estudo de mitos fundadores, questões éticas ou morais e rituais do cotidiano de grupos.

Esse trabalho se adequou à história oral temática, ou seja, por meio de um tema o pequeno agricultor em face da cana-de-açúcar em Viradouro buscou-se pessoas que pudessem colaborar com a fala histórica sobre esse tema. Com isso, através dos relatos haveria a junção da experiência de vida e das memórias dos entrevistados, viabilizando a compreensão e análise dos costumes e tradições, as práticas e situações compartilhadas, além dos hábitos

semelhantes, transparecendo a visão de mundo do pequeno agricultor diante do complexo agrícola canavieiro.

A escolha desta metodologia foi fundamental para se construir uma escrita que melhor abrangesse as informações sobre o campo e o pensamento destes trabalhadores, que se enquadram num mesmo espaço-tempo, relatando sobre muitas experiências de vida que se convergem e outras que divergem, formando uma identidade do sujeito do interior que promove modificações no ambiente que está inserido, e as alterações sócio-econômicas, na dinâmica que está envolvido. O método da oralidade será facilitador para que se compreenda a visão de mundo que o agricultor “constrói” e aplica.

Dentre a bibliografia utilizada destacam-se três trabalhos como principais influencias na elaboração desta pesquisa. Uma delas é a obra *Manual de História Oral*, de Verena Alberti; que forneceu o modo de como organizar uma pesquisa oral, como fazer as entrevistas, a definição da metodologia história oral, enfim o “como fazer” e “como pensar”.

Outra obra norteadora foi a *Cana de Açúcar: Álcool e Açúcar na História e no Desenvolvimento Social do Brasil*, de Adelino Brandão. Esta obra viabilizou o histórico da cana-de-açúcar desde os primórdios do período colonial até a nossa contemporaneidade, como era formado um engenho, o aparecimento das usinas, a importância do álcool como combustível, o Proálcool, entre outras questões relevantes.

E a terceira referência importante foi a tese de doutoramento do professor Paulo Del Duca, *As transformações sócio espaciais em Viradouro, o complexo agroindustrial sucroalcooleiro, os bairros periféricos e a habitação*, que possibilitou um referencial de compreensão do caso de Viradouro face as transformações agrícolas ocorridas no município na segunda metade do século XX. O que é e como surgiu o complexo agroindustrial no município e as mudanças no campo são o enfoque deste trabalho de doutoramento.

Basicamente o percurso da elaboração do trabalho tem no primeiro capítulo a análise da metodologia da história oral, sua definição, como seria usada, sua viabilidade para o trabalho devido déficit de fontes escritas. Há também nesse capítulo a forma de como foram feitas as entrevistas buscando sempre as referências para o tema adequando-se ao espaço-tempo em questão.

Já no segundo capítulo é feito o referenciamento histórico da cana-de-açúcar, sua vinda para o Brasil, as transformações atinentes a cana, a importância do açúcar como mercadoria, a eclosão das usinas, a modernização do campo, o Proálcool; até o trabalho se afunilar no caso de Viradouro.

No terceiro capítulo finalizamos com o conceito de Complexo Agroindustrial e os relatos dos agricultores para fazermos uma junção da história oral com o que já existe escrito sobre a agricultura da cana a partir do caso de Viradouro enquanto relatos orais.

Capítulo 1 – História Oral

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em coletar informações orais com pessoas que possam testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Surge como forma de valorização das memórias e recordações de pessoas, uma das maneiras de usá-las é através de entrevistas com pessoas que vivenciaram algum fato. “Definida por Allan Nevis como ‘moderna história oral’ devido o uso dos recursos eletrônicos, a história oral é técnica e fonte, por meio das quais se produz o conhecimento”.¹

De acordo com Sônia de Freitas a História Oral utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento. Sua abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais.

[...] as histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidações de determinadas questões e funcionam também como provas.²

Com a intervenção do gravador, nos Estados Unidos e Europa, a história oral conquista espaço, desde então esse método foi se expandindo e ganhando adeptos. Estando entre os que a praticam: historiadores, cientistas políticos, repórteres, filósofos, sociólogos, pedagogos, psicólogos e outros.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, que podem, ou não, estar ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente sobre um fato ou conjuntura que se quer investigar. Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

¹ FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas. 2006. p. 18.

² Ibid., p. 46.

Fonte Oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento oral.³

Destarte, “História Oral é recurso moderno de recolhimento de fontes que se tornam registros de situações que comportam em três ramos principais: *história oral de vida*, *história oral temática* e *tradição oral*”⁴. Cada um deles implica procedimentos próprios, independentes, mas que se encaminham para os mesmos objetivos, isto é, favorecer estudos de memória e identidade.

“Entre outras alternativas, a história oral se apresenta como solução moderna disposta a influir no comportamento da cultura e na compreensão de comportamentos e sensibilidade humana”⁵

Meihsy esclarece também que a memória, a identidade e a comunidade são a matéria-prima da história oral. Sobre a definição da *memória* ele escreve: “poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar”⁶.

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado.⁷

A memória se modifica e se rearticula conforme a posição que o indivíduo ocupa e as relações que estabelece nos diferentes grupos da sociedade. Segundo Ecléa Bosi, a linguagem é o elemento do caráter social da memória, o instrumento socializador, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

História oral de vida tem como meta retratar os caminhos de vivências pessoais que, contudo, se explicam em grupos afins (sejam familiares, comunidades, coletivos que tenham destinos comuns); *história oral temática* é o recurso que busca analisar um determinado evento ou situação a ser esclarecida segundo o estabelecimento de questionários orientados

³ MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007. p.13.

⁴ BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. 12ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 35.

⁵ MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. Op. cit. p. 9.

⁶ Ibid., p. 68.

⁷ Ibid., p. 413.

para fins específicos e *tradição oral* é a prática decorrente do levantamento e estudo de mitos fundadores, questões éticas ou morais e rituais do cotidiano de grupos.

Na História Oral Temática a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando convergências, divergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo.⁸

É objetivo deste trabalho se utilizar do modelo da História Oral Temática e obter as fontes orais através dos relatos dos agricultores, visto que os comentários estarão sempre voltados para um tema comum, o agricultor que vivencia a cultura da cana. Com isso, pelos relatos consecutivamente haverá a junção da memória coletiva desses entrevistados, comprovando a existência de práticas parecidas, hábitos semelhantes na questão da cana-de-açúcar em Viradouro.

A História Oral abriu um leque de possibilidades para a historiografia. Os historiadores passaram, a focalizar, a pensar, a pesquisar e escrever a história a partir de outras perspectivas, buscaram a quebra dos paradigmas positivistas e tradicionais. Os historiadores orais construíram uma história não preocupada com a apologia de figuras ilustres em feitos de destaque, senão com a complexidade global e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e de explicação. Os interesses se voltaram, agora, também, para uma história preocupada com anônimos, seus modos de viver, sentir e pensar.

A história oral cresceu onde subsistia uma tradição de trabalho de campo dentro da própria história, como a história política, história operária, história local ou onde os historiadores entraram em contato com outras disciplinas como sociologia e a antropologia.

A história oral [...] implica uma analogia enganosa com aspectos já diferenciados da história econômica, agrícola, médico, legal e assim por diante. Ao passo que a história oral nunca pode ser “compartimento” da história, propriamente; é uma técnica que, presumivelmente, pode ser utilizada em qualquer ramo da disciplina. Sua denominação também sugere – na verdade requer – uma área de trabalho diferenciada, quando de fato, para quem quer que tenha coletado a evidência oral em campo, durante qualquer espaço de tempo, é evidente que compilar fontes orais é uma atividade que aponta para a conexão existente entre todos os aspectos da história e não para as divisões entre ela.⁹

Surge na década de 1940, após a Segunda Guerra Mundial, com os sociólogos da Escola de Chicago, e a partir de então várias tendências se delinearam: a primeira constituída por entrevistas com elites políticas (a História vista de cima); depois na Grã-Bretanha com

⁸ FREITAS, S. M. de. Op. cit., p. 21 – 22.

⁹ THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. P. 104.

Paul Thompson, a história dos excluídos, (a História vista de baixo) vista na obra *A Voz do Passado*. Embora a segunda tenha surgido para contrabalançar a influencia da primeira, ambas podem e devem estabelecer relações e interações na valorização dos diferentes e heterogêneos relatos, assim como na sistematização de novas áreas temáticas.

Na Itália, uma das origens da História Oral contemporânea foi a rede de centros locais para o estudo de guerrilheiros antifascistas do tempo da guerra. Cujo destaque se atribui ao pesquisador Alessandro Portelli diante dos metalúrgicos de Terni. Na Holanda também houve a necessidade de registrar o fascismo com a metodologia oral. Na França o alicerce não é apenas dos trabalhos de Michelet, mas também das influencias de Durkheim, como o trabalho pioneiro de Maurice Halbwachs sobre a natureza social da memória.

Halbwachs, em vez de tratar a memória isoladamente, busca sua compreensão na relação homem-sociedade. Ele não vai estudar a memória em si, mas “os quadros sociais da memória”. As relações a serem determinadas já não se limitam ao mundo da pessoa e sim, à realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. Nessa perspectiva, lembrar-se-á de uma ação coletiva, pois, embora o indivíduo seja o memorizador, a memória somente se sustenta no interior de um grupo.¹⁰

No Brasil, a História Oral tem seu marco a partir de 1975, na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de História Oral e a experiência do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), sediado na Fundação Getúlio Vargas no estado do Rio de Janeiro.

A partir da década de 1990, o movimento em torno da história oral acentuou-se. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), que congrega membros de todas as regiões do país e edita uma revista e um boletim. Dois anos depois, em 1996, foi organizada a Associação Internacional de História Oral, que realiza congressos bianuais.

É a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em mesma medida. A História Oral, mais do que sobre os eventos fala sobre significados; nela, a aderência ao fato cede passagem à imaginação, ao simbolismo. Para sua realização é importante o trabalho de campo:

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre as experiências e memórias e ainda por meio do impacto que elas tiveram na vida de cada

¹⁰ BOSI, E. Op. cit. p. 65.

uma. Portanto, apesar do trabalho de campo ser importante em todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele.¹¹

Essa abordagem possibilitou uma abertura de valor aos relatos orais, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e suas especificidades podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa.

[...] é pela oportunidade de recuperar pelos relatos relegados pela história que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento.¹²

Faz-se necessário reavaliar a historiografia recente com relação às “novas” fontes históricas, sonora e visual, esta última encontrada em fotografias, filmes e caricaturas. É preciso quebrar a resistência que há diante da história oral, encarada tradicionalmente como uma técnica auxiliar, sendo ela um novo método; requerendo um olhar diferente, linguagens e suportes novos. “Assim, essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir”¹³, além de possibilitar o conhecimento de diferentes versões sobre um tema comum.

Além de interferir no conceito de “personagem histórico”, a opção pela História Oral possibilita o estudo da vida social das pessoas, o trabalho com a questão do cotidiano, evidenciando a trilha dos cidadãos comuns em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem no presente. Trabalhar com fontes orais torna-se um desafio.

O desafio de um trabalho com fontes orais está na possibilidade de apreender as tensões entre grupos sócias e os sujeitos individuais nos contextos em que elas estão produzidas. As fontes orais fornecem, potencialmente, elementos que permitem, de uma forma muito mais orgânica, apreender as dinâmicas dos grupos e dos sujeitos em seus afazeres, valores, normas, comportamentos, etc. Apreender tudo isso significa trabalhar com a complexidade da realidade social.¹⁴

Há a constante exploração da memória, ao romper com uma visão determinista que elimina a liberdade dos homens. A História Oral coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e revê as relações entre passado e presente, reconhecendo que o

¹¹ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Ética e História Oral**. Projeto História. São Paulo: Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, vol. 15, 1997, p. 13-49.

¹² FREITAS, S. M. Op. cit. p. 47.

¹³ Ibid., p. 49.

¹⁴ SILVA, Acildo Leite da. Memória, tradição oral e a afirmação da identidade negra. In: **Movimento** – Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, nº 1, maio de 2000. Niterói: EdUFF. 2000. p. 32.

passado é construído segundo as circunstâncias do presente e chamando a atenção para os usos políticos do passado.

Como registro de experiências de pessoas vivas, expressão legítima do “tempo presente”. A história oral deve responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão e da eventual análise das entrevistas, ou mesmo no estabelecimento de um texto. Ao trabalhar com as testemunhas orais através de entrevistas, vídeos, o historiador produz uma fonte que o possibilita a construção da história elegida por ele. Confrontando ou não com outras fontes comumente utilizadas na historiografia há uma ampliação de fontes, o que nem sempre era possível na historiografia positivista tradicional.¹⁵

A História Oral, de acordo com Meihy, não pode ser definida facilmente, tendo em vista que sua dinâmica (de reflexão e ação) torna provisória qualquer definição.

[...] aquilo que todo programa de história oral tem de mais precioso: a possibilidade de reconstituir a História através de suas múltiplas versões, captar a lógica e o resultado da ação através de seu significado expresso na linguagem do autor; ou seja, desvendar o jogo complexo das ideologias com a ajuda dos instrumentos que nos são oferecidos pela própria ideologia.¹⁶

Segundo Verena Alberti, a História Oral é legítima como fonte porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas.

Nas entrevistas é promovida uma interação entrevistador-entrevistado, com isso a intenção é que ocorra uma formação da identidade local diante da somatória dos relatos dos entrevistados; sem que haja uma relação hierárquica no momento do diálogo e que o entrevistado não se sinta na obrigação de responder um questionário de perguntas, evitando que o trabalho tenha um viés tendencioso e também pelo fato de que a entrevista tem por objetivo um caráter espontâneo.

Foi possível também, de certa forma, romper o enclausuramento acadêmico que transformava a entrevista em simples suporte documental – e duvidoso – da pesquisa social e histórica, para mostrar a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contrapoder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens deste grande drama ininterrupto – sempre mal decifrado – que é a História humana.¹⁷

É interessante pensar que as entrevistas estão presentes desde há muito tempo no desenvolvimento de pesquisas qualitativas, o que impõe a necessidade de uma diferenciação: a entrevista como metodologia em História Oral tem fundamentos historiográficos, pois se

¹⁵ MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 18.

¹⁶ ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 13.

¹⁷ *Ibid.*, p. 13-14.

coloca como um procedimento cuidadoso na constituição de fontes históricas; o que a difere de uma entrevista com fins puramente jornalísticos, que se promove expondo a imagem do objeto muitas vezes sem objetivos claros, ou melhor não demonstrando a intenção por trás do discurso jornalístico.

Uma entrevista pode trazer à tona documentos escritos e fotografias cujo acesso, de outro modo, seria muito mais difícil ou até mesmo impossível. Um trabalho com uso da oralidade só tem seu reconhecimento se sua intenção é devolver os dados colhidos e transcritos para a sociedade posteriormente.

A entrevista adquiriu estatuto de documento, isto não quer dizer que a história oral tenha se ajustado aos ditames da história “positivista”. Ao contrário: trata-se de tornar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocado o objeto documentado: não mais o passado “tal como efetivamente ocorreu”, e sim as formas como foi e é aprendido e interpretado. A entrevista de história oral – como registro gravado e transcrito – documenta uma versão do passado. Isso pressupõe que essa versão e a comparação entre diferentes versões tenham passado a ser relevantes para estudos nas áreas das ciências humanas. Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através de estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através de análise comparativa de diferentes relatos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações.¹⁸

Dentre os procedimentos pós entrevistas tem-se inicialmente a *transcrição* (que fixa pela escrita os dizeres, pautas, entonações e vícios de linguagem, aproximando-se ao máximo do registro oral), posteriormente será feita a *contextualização*, que seria o processo de transformar o discurso em uma narrativa mais corrente, um texto escrito (com ou sem estilo pergunta-resposta), num exercício de apropriação da fala do entrevistado. Os depoentes são alertados da textualização da entrevista, dando a sua autorização.

Após a revisão final do texto, o entrevistador deve assinar um termo de doação do depoimento, seja à instituição, onde o projeto foi desenvolvido, seja ao entrevistador, em se tratando de pesquisa individual. Nesse termo, deverão constar possibilidades e restrições à consulta que deverão ser definidas pelo doador.¹⁹

Cabe ressaltar a importância de um trabalho conjunto que é efetivado, nesse processo, face a negociação quanto a este último texto, possibilitando correções, inserções e reformulações, no sentido de aproximar a fala do entrevistado e a interpretação do entrevistador.

¹⁸ Ibid., p.19.

¹⁹ FREITAS, S.M. de. Op cit. p. 100

Dessa forma são constituídas narrativas a partir de situações de entrevistas e esse exercício seria um dos principais alicerces da História Oral. Para Alberti, um acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado. Isto significa que ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista.²⁰

Aspásia Camargo fornece sua definição de “bom entrevistado”:

Aquele que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância de funções que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre impressões da época, comportamento de pessoas ou grupos, funcionamento de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, formas de cooperação e solidariedade grupal, de transação, situações de impacto, etc. Tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes – por que não? – ao denominador comum à espécie humana.²¹

Neste trabalho monográfico será utilizada a oralidade para o levantamento de memórias para que se compreenda a identidade do pequeno agricultor, pelo estudo da sua memória-trabalho para identificar os fatos históricos e até interpretar a visão que eles possuem da agricultura e cultura canavieira.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.²²

É importante ressaltar que nesta monografia será feito uso da História Oral Pura. A história oral pode ser “pura” ou “híbrida”. Dizendo de outra forma, um projeto tanto pode ser simplesmente de constituição de um acervo – banco de história ou proposta em que as vozes narradoras se cruzam de maneira a promover uma discussão – ou, também, pode fazer as entrevistas dialogarem com outros tipos de fontes ou documentos.

Na situação de *história oral pura* é importante observar a variação de narrativas que dependem de gênero, raça, classe social, educação formal, idade, tipo de entrevista, mas que, em essência, podem manter uma lógica argumentativa comum e coerente em sua constituição sendo sua fonte privilegiada apenas e tão somente os relatos orais.

²⁰ ALBERTI, V. Op cit, p. 77.

²¹ Ibid., p. 34.

²² BOSI, E. Op cit., p. 55.

No caso da *história oral híbrida* preza-se o poder da “conversa”, contatos ou diálogos com outros documentos, sejam iconográficos ou escritos como: historiográficos, filosóficos ou literários.

No caso de história oral pura, o que se tem é a oposição de versões orais ocorridas de visões diversas, complexas, conflituosas e até opostas. Considerando que os argumentos contrastantes fornecem mecanismos analíticos interessantes para o entendimento de um ou outro lado. Outra vez valoriza-se a polifonia e reafirma-se que a história oral é social na medida em que junta vozes dissonantes.

Na história oral para valorizar-se o discurso como fonte peculiar; cabe considerá-lo em seu equilíbrio com outra fonte, ou documento característico, igualmente estabelecido com critérios afins.

O nexos da reconstrução do discurso oral lhe é típico, e isso legitima que seja aproximado, de outro discurso que também se estabelece da mesma forma. É importante ressaltar que história oral pura é análise do discurso oral, pois se distingue na observação de sua constituição empírica – destinada a um projeto específico e obedece ao critério de expressão de uma experiência vivida, de uma visão de mundo. Também a eventual análise de falas vazadas sob critérios da história oral não se constitui em comparação de discursos. Porque as possíveis análises sempre tendem a abordar temas afeitos a uma discussão – uma tese, por exemplo – , elas se preocupam com a identificação de igualdades ou diferenças, permanências e mudanças, atos e contatos.

A história oral híbrida tem outro objetivo. Ao relativizar a força única da expressão oral, de maneira quase natural, exige-se a equiparação dos argumentos derivados de entrevistas com outros emanados de diversas fontes. Nesses casos, o que vale mais é a força temática que tira a força da lógica da construção da narrativa oral.

No caso da história oral pura, o que se valoriza como essencial é a construção do percurso narrativo; no caso da história oral híbrida, vale mais a objetividade temática. A primeira se presta a trabalhos feitos na base de narrações de histórias de vida; no segundo caso, vale os enfoques centrados em assuntos específicos.

A escolha da metodologia da História Oral neste trabalho tem por fundamento e finalidade edificar uma escrita que melhor abrangesse as informações sobre o campo, a cana-de-açúcar, a mentalidade destes trabalhadores, que se enquadram num mesmo espaço-tempo, relatando sobre muitas experiências de vida que se convergem e outras que divergem, formando uma identidade do sujeito do interior que promove modificações no ambiente que está inserido, alterações socioeconômicas, na dinâmica do produtor e a usina. O método da

oralidade será facilitador para que se compreenda a visão de mundo que o agricultor “constrói” e aplica e sua validade de produtor-fornecedor de matéria-prima: a cana-de-açúcar.

Capítulo 2 – A cana-de-açúcar e Viradouro

Neste capítulo o objetivo é a escrita da história da cana-de-açúcar no município de Viradouro, enquanto setor sucroalcooleiro no Brasil, destacam-se os elementos importantes para compreender o seu desenvolvimento, dando ênfase no sujeito histórico, o pequeno agricultor.

2.1 – A cana na Colônia e no Império

A cana se inseriu no Brasil (período colonial) por intermédio dos portugueses, servindo como uma mercadoria para estimular atividades comerciais neste espaço, pelo fato dos colonizadores não terem encontrado os metais que almejavam (ouro, prata, diamante).

Ela chega ao Brasil e expande-se pelas zonas litorâneas, onde estavam distribuídas as capitanias, destacando-se no Nordeste, principalmente Bahia e Pernambuco:

Sem discutir prioridades históricas, a verdade é que a lavoura da cana começa a conquistar a Terra de Santa Cruz a partir da Zona da Mata pernambucana, fomentada por Duarte Coelho, donatário da Capitania da Nova Lusitânia, em 1526. Os primeiros engenhos nordestinos surgem em Olinda, por iniciativa daquele donatário, que levanta o capital necessário junto aos mercadores de Lisboa.²³

A cultura da cana-de-açúcar foi crescendo e se espalhou pelas outras capitanias até chegar à São Vicente em 1533, por Martim Afonso de Souza:

Quanto a São Paulo, dois foram os centros principais irradiadores da cultura canavieira e da indústria do açúcar: São Vicente, com o engenho montado por Martim Afonso, em 1533 (Engenho do Governador, depois “São Jorge dos Erasmos”, por ter sido vendido ao alemão Erasmo Scheter) e outro em Santos, graças à iniciativa de Brás Cubas.²⁴

É interessante pensar que a economia do açúcar faz com que a sociedade se sedentarize na região produtora, se empenhando no cultivo da lavoura, organizando as atividades de produção do álcool (cachaça) e o açúcar em forma de melaço, que será refinado somente na Europa pelos holandeses. “[...] a economia do açúcar reuniu os grupos rarefeitos

²³ BRANDÃO, A. **Cana de açúcar: Álcool e açúcar na história e no desenvolvimento social do Brasil**. Brasília: Horizonte, 1984. P. 33.

²⁴ Ibid., p. 35.

dos tempos coloniais [...], estruturou-os num sistema, estratificando-os numa pirâmide social, com o escravo na base e o senhor de engenho no ápice”.²⁵

Sendo assim, há a afirmação que foi a cana-de-açúcar e a indústria baseada nesta lavoura que tornaram possível a fixação do português no Brasil e a imposição da cultura europeia, cristã, branca, patriarcal e heteronormativa.

Esse processo de sedentarização faz com que surja o “engenho” como instituição centralizadora da atividade agrícola local. Os engenhos nuclearam as populações, diz Manuel Diegues Júnior, “e a economia do açúcar... fixou os grupos humanos, marcando as diretrizes da ocupação da terra, ao mesmo tempo que contribuiu para a condensação demográfica – processo social básico para o surgimento de qualquer civilização”.²⁶

Brandão descreve sobre como é definido a estrutura do engenho:

Moenda (para espremer a cana); **Caldeiras** (destinadas a fornecer a energia para o processo de purificação do caldo da cana); **Casa de Purgar** (com sua tecnologia, onde se aperfeiçoa a purificação do produto); **Casa Grande** (que simboliza o Poder, com a mesma força do castelo do senhor feudal europeu); **Senzala** (em oposição à habitação do senhor, a casa grande) e **Capela** (usada para cerimônias religiosas: batizados, casamentos, velório).²⁷

“O Engenho... é um verdadeiro mundo em miniatura em que se concentra e resume a vida toda de uma pequena parcela da humanidade”.²⁸

O açúcar, escreve Heitor Ferreira Lima, é o primeiro produto de ramo industrial que existiu entre nós, não somente do ponto de vista cronológico, como também pela expansão que adquiriu e importância que ocupou no passado, chegando a ser artigo básico, tanto na produção quanto na exportação. Era ele que caracterizava o país; à sua sombra se desenvolveram outras atividades e se operou a criação de riquezas. Foi ele que deu poderio e dinheiro aos primitivos exploradores, originando-se daí a primeira aristocracia rural: os senhores de engenho.

Para incrementar sua produção iniciou-se a importação de negros escravizados na África, que ocupariam o papel de relevo na formação do trabalhador brasileiro e em nossa constituição étnica, influenciando poderosamente na formação do espírito nacional. Pode-se dizer, pois, que a produção de açúcar é o núcleo fundamental da nossa economia, da nossa formação racial, da nossa constituição psicológica, da nossa organização histórica, imprimindo sulco profundo na moral e nas artes nacionais.²⁹

²⁵ Ibid., p. 36.

²⁶ Ibid., p. 36.

²⁷ Ibid., p. 37.

²⁸ PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 43ªed. São Paulo: Brasiliense, 1998. P. 38.

²⁹ LIMA, H. F. **História Político-Econômica e Industrial do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Cia. Edit. Nacional. 1976. P. 26.

Brandão escreve que discutir a cana envolve analisar a introdução da monocultura canavieira, da mão de obra escrava, da importação dos africanos, da formação de latifúndios, da transformação da paisagem, geográfica em paisagem cultural, com a destruição das matas e a consequente perturbação do equilíbrio ecológico (homem – meio ambiente), é considerar as alterações antropológicas provocadas pela relação casa-grande e senzala, tanto as de natureza social quanto as econômicas; é intuir até onde as nossas instituições políticas e atuais e práticas do governo e administração pública refletem a herança do patriarcalismo agrário e daquela aristocracia rural dos senhores de engenho.

Pelos fins do século XVIII, um engenho regular em operação, no Nordeste (Pernambuco), para uma produção de 5.000 arrobas de açúcar por ano, empregava 120 cavalos, 400 bois (e vacas), 110 escravos, e era vendido por 50 contos de réis, quantia apreciável para a época.³⁰

Há um deslocamento dos olhares metropolitanos no século XVIII para a região de Minas Gerais, os investimentos se concentram nesse momento à exploração do ouro descoberto naquela região, ficando o açúcar não mais com o status de mantenedora das economias da colônia.

A estrutura de funcionamento do engenho (banguês) se mantém praticamente a mesma até o século XIX, e é com o emprego de máquinas e de novas técnicas agrícolas que logo sob o reinado de D. João VI se dá a substituição dos antigos engenhos, movidos à tração animal, roda d'água ou músculos de escravos, pelo engenho a vapor – verdadeira Revolução Industrial – que inaugura uma nova fase em nossa história econômica: a das pequenas usinas, antecessoras das usinas do século XX, que viriam alterar profundamente a paisagem humana e social, tanto quanto a geográfica, política e econômica, não só no Nordeste, como no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Bahia, entre outros.

A crise viria, como já foi dito, logo após a Abolição, se demorando pelo primeiro decênio após a proclamação da República, entrando pelo século XX. Para desviá-la, retardá-la ou vencê-la novas estratégias humanas foram tomadas. Uma delas foi a introdução da máquina à vapor para mover as moendas dos antigos engenhos.³¹

Posteriormente à Revolução das Máquinas, substituindo-se assim a mão-de-obra escrava inicia-se uma Revolução dos Transportes, gradativamente modificações ocorreriam na estrutura social da produção do açúcar nos fins do século XIX, pois quebraria o isolamento

³⁰ BRANDÃO, A. Op. cit. p. 53.

³¹ Ibid., p. 158.

absoluto em que viviam até então as populações dos engenhos, e o sistema endogâmico das famílias patriarcais dos senhores de engenhos mais fechados em seus “feudos” canavieiros.

Essa nova etapa se caracteriza, depois de 1870, com o estabelecimento dos Engenhos Centrais – grandes unidades destinadas a moer a cana de um conjunto de propriedades. Financiadas a princípio pelo capital inglês e incentivadas pelo governo imperial, que se entusiasmou com a nova estratégia, garantindo-lhes juros e auxílios financeiros, os *engenhos centrais* marcam um passo importante na Revolução Industrial da economia do açúcar: o de transição da pequena usina para a grande usina da concentração industrial, num processo que passou do século XIX para o XX, a ainda se prolonga. Os engenhos centrais implicam, ainda, numa revolução social: a passagem da fase patriarcal da civilização do açúcar, para a fase burguesa da organização empresarial com a grande imigração de italianos em substituição aos escravizados.³²

O aparecimento do Engenho Central, diz o prof. Manuel Diégues Júnior, assinala o início da verdadeira revolução industrial na economia do açúcar. Com ele se inaugura uma nova página da história da produção açucareira, vindo esta revolução refletir-se não somente na parte industrial, com o surto das usinas que abriria, como também na parte agrícola, com a intensificação da cultura extensiva, tendência característica da usina. Surge o proletariado rural. Esta nova fase da economia açucareira também resulta do aparecimento das primeiras estradas de ferro.

O engenho central era uma entidade semi-oficial, que tinha de agir de acordo com as prescrições contratuais, pois havia uma concessão por parte do Estado, e se diferenciava da antiga usina na medida em que esta era uma fábrica instalada em terras de seu proprietário, sem as obrigações de fornecimento de canas, de parte dos senhores de engenho. E enquanto o engenho central somente podia moer a cana que lhe traziam os fornecedores.

Somente no século XIX houve realmente um desenvolvimento da indústria açucareira no planalto paulista, o que podemos chamar de indústria (devido a diferenciação que há entre destilaria e usina; a destilaria produz somente o álcool e a usina tanto o álcool como o açúcar), principalmente na região de Campinas e Piracicaba.

Em 1835, na então Vila de S. Carlos, hoje Campinas, pertencente a Jundiaí, contavam-se 93 engenhos [...]. Além de Campinas, que aparece como o maior centro produtor açucareiro de São Paulo, durante o Império e antes da subida do café, apontam-se Itu e Sorocaba como outros dois pontos de irradiação da economia açucareira [...]. Em 1881, três novos engenhos centrais se estabeleceram [...], em Piracicaba, Lorena e São Carlos de Capivari.³³

Vemos que até o momento pouco foi citado sobre o álcool (etanol), que era utilizado comercialmente através da cachaça. A partir do século XX, aproximadamente no ano de 1923

³² Ibid., p. 160-161.

³³ Ibid., p. 182.

teve início um programa de experimentação do etanol puro como combustível para os motores do *ciclo Otto*³⁴ no Instituto Nacional de Tecnologia. “Em agosto de 1923, como consequência destas experiências, um veículo Ford movido a álcool hidratado participou da 1ª corrida de automóvel realizada pelo Automóvel Clube do Brasil.”³⁵

2.2 - A Cana na República

O crescimento da cultura da cana foi bem tímido até a crise de 1929, que atingiu principalmente o mercado cafeeiro. A lavoura canavieira só não cresceu mais devido a uma proteção ao Nordeste por parte do governo federal (cotas para a produção do álcool), que julgou a concorrência entre o Sudeste e o Nordeste desleal pela falta de opção da agricultura nordestina. É importante lembrar que esse sistema de cotas de produção foi estabelecida pelo então presidente Getúlio Vargas, no decorrer da década de 1930.

Dizia então Getúlio Vargas, aludindo à necessidade de definir uma política energética para o Brasil:

Com a utilização sistemática do carvão mineral, com o aproveitamento gradual das quedas d'água e com o álcool fortalecer-se-á a economia do País, evitando, assim, a saída de grande parte do ouro que, atualmente, empregamos na compra de combustíveis estrangeiros.³⁶

Fusionadas a Comissão de Estudos sobre o álcool-motor e a Comissão de Defesa da Produção do Açúcar, surgiu o Instituto do Açúcar e Álcool (IAA), de acordo com o decreto nº 19.717 do Governo Provisório, de 20 de fevereiro de 1931.

Foi então pela criação do Instituto do Açúcar e Álcool, que regulava a produção de açúcar a álcool por todo o país, que o sudeste manteve-se não investindo para ampliar a produção de suas indústrias. Para assegurar o desenvolvimento da cultura era imposto um sistema de quotas para a indústria paulista, além do pagamento de subsídio para cada saco de açúcar produzido em São Paulo.

Andrade afirma que para os proprietários das usinas de açúcar, o álcool era ainda um subproduto, e existiam apenas pequenas destilarias de álcool hidratado. Após 1930, o novo governo estimulou a modernização industrial e financiou a implantação de destilarias para

³⁴ O **Ciclo de Otto** é um ciclo termodinâmico, que idealiza o funcionamento de motores de combustão interna de ignição por centelha. Foi definido por Beau de Rochas e implementado com sucesso pelo engenheiro alemão Nikolaus Otto em 1876, e posteriormente por Étienne Lenoir e Rudolf Diesel.

³⁵ CARVALHO, A. **Experiencia de la utilizacion de alcohol carburante en el Brasil**. Instituto de Economia Energetica, Bariloche, novembro/2005; p.14.

³⁶ BRANDÃO, A. Op. cit., p. 224.

produzir álcool anidro. O interesse de intensificar a produção de álcool tinha uma dupla finalidade: utilizá-lo como combustível e tornar possível a transformação dos excedentes de açúcar.

Assim, em 1931 um decreto estabeleceu que os importadores de gasolina automotiva seriam obrigados a adicionar pelo menos 5% de álcool de origem nacional ao volume total das importações de gasolina. Quando foi iniciada a produção de gasolina no Brasil, um decreto-lei 6969/44 obrigou os produtores nacionais a adicionar álcool anidro à gasolina produzida no país assim como os importadores, numa proporção determinada pelo Conselho Nacional do Petróleo (CNP) de acordo com o IAA.

Durante o período de 1942-1956 a porcentagem de álcool na mistura álcool-gasolina chegou a 42% no Nordeste do país. Entre 1956 e 1975, a adição do álcool à gasolina foi feita de maneira desordenada, satisfazendo apenas o desejo da indústria agro-açucareira, dado que existia uma relação muito estreita entre os preços no mercado externo e a produção de açúcar ou de álcool no mercado interno.³⁷

Entre 1960 e 1965 os preços elevados do açúcar e os baixos preços do petróleo nos mercados internacionais induziram uma redução do nível de utilização de álcool misturado à gasolina. Quando houve a retratação do mercado internacional do açúcar em 1966-1967, a adição do álcool anidro à gasolina chegou a um nível máximo no Brasil antes da criação do Proálcool 13,5% no Estado de São Paulo e 6,2% como média nacional.

Após a deflagração do primeiro choque dos preços do petróleo em outubro de 1973, os países importadores de petróleo sentiram um impacto violento na conta corrente dos seus balanços de pagamento. Este fato induziu os governos a adotar políticas de ajustamento ao novo contexto. Contudo, a estratégia brasileira diante deste novo contexto de crise internacional foi, a princípio, de procurar manter as elevadas taxas de crescimento que vinham sendo observadas desde o fim dos anos 1960, durante o período denominado milagre econômico brasileiro.

O Brasil, em 1973, importava 78% de suas necessidades de petróleo 37,9% milhões de toneladas. O setor de transportes rodoviários utilizava 42% do total de consumo dos derivados de petróleo. Estes derivados representam 99% de suas necessidades estratégicas. Estava claro que se o país adotasse uma política de substituição do petróleo, este setor deveria ser prioritário.

Em 14 de novembro de 1975, o decreto nº 76.593 cria o Programa Nacional do Álcool (Proálcool), sendo o engenheiro Lamartine Navarro Júnior considerado o “pai do Proálcool”, acompanhado pelos empresários Cícero Junqueira Franco e Maurílio Biaggi, conforme aponta

³⁷ CARVALHO, A. Op. cit. p. 16

o professor da Unicamp, José Tobias Menezes em seu livro *Etanol, o combustível do Brasil*. O programa de motores à álcool foi idealizado pelo físico José Walter Baptista e pelo engenheiro Urbano Ernesto Stumpf, este último conhecido como pai do motor a álcool.

Com a criação do Proálcool, o papel do álcool carburante deixava de ser apenas uma válvula de escape da indústria açucareira e tornava-se um meio para reduzir o impacto do choque do petróleo sobre a balança comercial e para reduzir a dependência energética do exterior.³⁸

Não houve intervenções do governo federal para alteração desta dinâmica no setor sucroalcooleiro, que foi perdendo brilho com o passar do tempo, até que na década de 70 com a crise do petróleo o barril passou de US\$ 2,85 para US\$ 13,00, com a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) restringindo a produção e aumentando o valor do barril cada vez mais. Foi este o ponto de partida para a produção do etanol, pelo do Proálcool (1975).

O Proálcool foi um programa de substituição em larga escala dos combustíveis veiculares derivados de petróleo por álcool, financiado pelo governo do Brasil (governo Figueiredo), a partir de 1975, devido a crise do petróleo, em 1973, que piorou sua situação, em 1979, com o encarecimento dos barris de petróleo.

Neste período, o então regime militar, incentivou o cultivo da cana e fez vista grossa às violações de direitos trabalhistas. Quanto aos usineiros o governo forçou a produção do álcool, ao invés do açúcar, mediante o fornecimento de subsídios.

Simplificadamente o programa Proálcool substituiu a gasolina pelo álcool etílico, o que gerou 10 milhões de automóveis a gasolina a menos rodando no Brasil, diminuindo a dependência do país ao petróleo importado.

Usando-se de alguns números indicados na obra *Álcool: energia verde*, vemos que a produção de álcool no Brasil no período de 1975 a 1976 foi de 600 milhões de litros; no período de 1979 a 1980 foi de 3,4 bilhões e de 1986 a 1987 chegou ao auge deste período, com 12,3 bilhões de litros. Nota-se que isso causou grande transformação na indústria automobilística.

Flexor aponta que a partir de 1980, num momento de nova alta dos preços do petróleo, o governo e a indústria automobilística estabeleceram um acordo para comercializar automóveis movidos somente a álcool hidratado, marcando a segunda fase do Proálcool. Porém, no exato momento em que o programa alcançava seu auge, uma série de fatores emergiram para pôr em dúvida sua legitimidade e razão de ser. Por um lado, os preços do

³⁸ Ibid., p. 17.

petróleo diminuíram de forma substancial ao longo da década de 1980, encarecendo o custo do Proálcool. Por outro lado, a questão fiscal que permeou o período, tornou muito difícil a administração das finanças públicas e, portanto, a manutenção do conjunto de incentivos do programa. Além disso, de forma paradoxal, surgiram problemas de abastecimento de álcool, minando a confiança dos consumidores e manchando a reputação dos produtores desse combustível.³⁹

Após uma longa agonia, que culminou com o fechamento do Instituto de Açúcar e Alcool em 1990, a política brasileira de combustível alternativo acabou em grande parte desmantelada. Todavia, o governo de 1993 decidiu manter a obrigação de adicionar álcool anidro à gasolina.

Ao deixar as forças do mercado orientar as decisões de produção e as escolhas dos consumidores, o governo condenou o álcool a um papel subalterno na matriz energética brasileira, visto que os preços do petróleo eram atrativos e que a Petrobrás aumentava significativamente sua oferta, afastando gradualmente o risco de desabastecimento.

O ambiente de instabilidade da cadeia sucroalcooleira durante a década de 1990 pode parecer um episódio insólito da história, já que, desde o início do novo século, o cenário mudou radicalmente. Um primeiro passo dessa evolução repentina originou-se no desenvolvimento e maturação da tecnologia flexfuel, garantindo ao consumidor o direito de escolher entre gasolina, álcool ou qualquer mistura desses dois combustíveis. Mas, o principal elemento que estimulou essa mudança veio do exterior: o agravamento das tensões no Oriente Médio, a maior região produtora de petróleo mundial, pressionava sobremaneira as cotações de óleo. Além do mais, o crescimento acelerado da China e da Índia gerou uma nova e notável demanda, e ao adicionar novos parâmetros às expectativas de consumo futuro contribui para a manutenção de preços elevados. Enfim, como os próprios Estados Unidos, até recentemente, não pretendiam implementar medidas efetivas para diminuir seu apetite por combustíveis fósseis, o futuro cenário energético mundial aparecia, senão assustador, pelo menos angustiante.

Nesse ambiente geopolítico incerto, o Brasil, com sua experiência na área de biocombustível, começou a atrair as atenções não somente dos investidores mundo afora, mas também de um contingente crescente de empresas transnacionais, fundos de investimentos, etc.; chefes de Estado negociavam parcerias tecnológicas e comerciais com o governo brasileiro; firmas de setores variados e especuladores famosos investiam em usinas e

³⁹ FLEXOR, Georges. A conturbada trajetória do álcool combustível no Brasil e seus desafios atuais. In: **Artigos mensais do Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura**. nº 2. CPDA, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; OPPA, Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura. Instituto Multidisciplinar IM/UFRRJ. Junho/2007.

compraram terra no Brasil. De modelo de programa criticado por seu custo social e irresponsabilidade econômica, o Proálcool se transformou em exemplo de solução para parte dos problemas globais.

Essa reviravolta, no entanto, introduziu uma série de novas questões e desafios para a agenda do país. Em termos produtivos, a credibilidade do etanol como alternativa aos combustíveis fósseis necessitava que fosse construído um mercado global com escala produtiva, normas estabelecendo os termos contratuais, infraestrutura capaz de agilizar a logística de suprimento, mercados de capitais especializados, etc. Embora governos e organizações econômicas internacionais se movimentem para estabelecer marcos institucionais, incentivando a construção de um mercado global, esse processo levará tempo e ajuste, e no momento prevalece certo grau de incerteza.

Em termos sociais e ambientais, o aumento da produção de etanol pode ser ainda mais desafiador. Por um lado, a expansão global dos mercados pode forçar a indústria de álcool brasileira a adotar regras de responsabilidade social e ambiental. Nesse caso, a questão é saber como essas pressões serão de fato internalizadas e como monitorar o cumprimento das mesmas. Por outro lado, o aumento das áreas de cultivo de cana, por exemplo, já começa a elevar os preços da terra e pode incentivar o deslocamento da fronteira agrícola para áreas ainda virgens ou beneficiar certos cultivos em detrimento de outros. O crescimento das áreas agrícolas de cana é, nesse sentido, um fator que pode se transformar em um problema para a segurança alimentar.

Por fim, existem desafios de ordem estratégica. A tendência atual parece privilegiar a expansão da área de cana como resposta às expectativas de crescimento da demanda global. Essa opção expansiva, contudo, pode desestimular o desenvolvimento de novas tecnologias de produção capazes de melhorar substancialmente a produtividade sem aumento do cultivo de cana como etanol celulósico.

Todavia o Proálcool começou a enfraquecer-se à medida que o preço internacional do petróleo baixava, tornando o álcool combustível menos vantajoso com o consumidor. Para aumentar o problema, o preço do açúcar começou a aumentar no mercado na mesma época em que o preço do petróleo baixava, fazendo com que fosse muito mais vantajoso para os industriais (usineiros) produzir açúcar ao invés do etanol. Com isso começou a faltar o combustível nos postos, deixando os donos dos carros sem opções. Essas crises foram ocorrendo constantemente na década de 1990, até o etanol estabilizar-se como *commoditie* no mercado externo, e com o aparecimento da tecnologia flexfuel.

Neste contexto, do ponto de vista da localização Viradouro está situado no planalto da região nordeste do Estado do São Paulo, à margem esquerda do Rio Pardo. Está inserido na

Meso-região de Ribeirão Preto e na micro região de Jaboticabal. Entretanto, político-administrativamente, pertence e se reporta à região de Barretos, a 10ª DIR. O município tem sua superfície de 219,7 km², na altitude de 528m, limita-se com os municípios de Pitangueiras, Bebedouro, Terra Roxa e Morro Agudo.

De fato, Viradouro, como toda a região de Ribeirão Preto, apresenta um relevo pouco desgastado, solo fértil e clima favorável, quente e chuvoso. É, pois, uma área privilegiada, por suas características geográficas e geológicas, que, aliadas às condições climáticas, explicam a pujança agrícola e industrial da região onde se localiza.

“No *Mapa pedológico do Estado de São Paulo*, o solo de Viradouro é descrito como: Latossolo vermelho, relevo A, eutroférico e com textura argilosa.”⁴⁰

Viradouro é um município de economia rural. Em 1991, sua superfície de 219,7 km² era constituída de 12,4 km² de área urbana e 207,3 km² de área rural, que se dividia por 488 propriedades (Arquivos INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – 1991).

Em 1996, o Censo Agropecuário do IBGE mostrou um acréscimo de 31 novas propriedades rurais, que agora somavam 519. Este aumento resultou de desmembramentos de outras áreas. O Censo revelou ainda, que a área rural tinha decrescido, ao passar de 207,30 para 154,94 km², por aumento na zona urbana.

A cidade sempre foi predominantemente agropastoril. No início era mais pastoril que agrícola. Depois, a agricultura começou a se desenvolver, com presença de cafeicultura, até a crise de 1929, quando a produção passou a ser mais diversificada, para depois se concentrar na citricultura e na cana-de-açúcar.⁴¹

Com o decorrer do tempo, a policultura foi se descaracterizando, perdendo intensidade e importância, e a atividade agrícola foi se concentrando e restringindo à citricultura, que, por sua vez, foi cedendo espaço e primazia para a cana-de-açúcar, na década de 1980. Percebendo-se que a policultura foi sendo substituída pela monocultura.

Analisando o município de Viradouro em todo esse contexto é citado por Tocalino que neste período (década de 1980) possuía uma economia agrícola que se destacou baseada na citricultura (laranja), que se iniciou na década de 1950. A cultura da laranja, em conjunto com outras em menor quantidade que inicialmente vão mover o mercado financeiro agrícola desta cidade. Tem o seu destaque na década de 1960, 1970 e meados de 1980 vai perdendo campo para a cultura sucroalcooleira devido ao preço em baixa da laranja.

⁴⁰ Mapa pedológico do Estado de São Paulo (Oliveira, Camargo, Rossi & Calderano Filho).

⁴¹ TOCALINO, Luiz Carlos. Op. cit. p. 130.

Quadro I – Valores das safras, 1990 a 1998 da laranja em Viradouro

Ano	
1990 (Mil Cruzeiros)	642.960
1991 (Mil Cruzeiros)	1.732.500
1992 (Mil Cruzeiros)	74.008.000
1993 (Mil Cruzeiros Reais)	1.097.250
1994 (Mil Reais)	9.558
1995 (Mil Reais)	3.115
1996 (Mil Reais)	1.874
1997 (Mil Reais)	1.494
1998 (Mil Reais)	2.763

Fonte IBGE – Produção Agrícola Municipal

Quadro II – Valores das safras, 1990 a 1998 da cana-de-açúcar em Viradouro

Ano	
1990 (Mil Cruzeiros)	602.701
1991 (Mil Cruzeiros)	2.141.830
1992 (Mil Cruzeiros)	73.416.200
1993 (Mil Cruzeiros Reais)	669.312
1994 (Mil Reais)	10.754
1995 (Mil Reais)	11.199
1996 (Mil Reais)	17.595
1997 (Mil Reais)	16.560
1998 (Mil Reais)	17.748

Fonte IBGE – Produção Agrícola Municipal

Pelos valores vistos nos dois quadros acima são demonstrados os valores das safras de 1990 à 1998 da laranja comparando-se com a da cana-de-açúcar posteriormente; até os anos de 1994 os números finais da citricultura eram melhores em relação à cana que logo em seguida começa a superar e tornar-se a cultura primordial.

Foi a cana-de-açúcar, nas duas últimas décadas do século XX, que intensificou as transformações socioeconômicas de Viradouro, iniciadas pela laranja nos anos 1950. Coube à cana, a partir de 1980, consolidar o processo das transformações. Em 1997, Viradouro tinha mais de 14.000 hectares de canaviais, contrapondo os 2.000 hectares de pomares de laranja.

Foi a cana de açúcar, nas duas décadas (80 e 90) que intensificou as transformações socioeconômicas de Viradouro, iniciadas pela lavoura nos anos 50. Se coube à laranja, a partir de 1950, o início dos avanços, coube à cana, a partir de 1980, a sua consolidação. Já no ano de 1997 Viradouro possuía mais de 14.000 hectares de canaviais.⁴²

Com políticas governamentais estimulando a produção de etanol, se instalam as usinas na região. Foram elas, Viralcool, a M. B. (Maurílio Biagi) e a Andrade (Luiz Andrade), todas instaladas em municípios vizinhos, com a maioria de fornecedores em Viradouro.

A Usina Viralcool, por exemplo, foi iniciada pelo italiano Eugênio Toniello em Sertãozinho. No início era uma pequena destilaria de aguardente. Depois transformada em uma destilaria denominada Santa Inês também em Sertãozinho. Posteriormente compraram as terras da fazenda Santa Cecília na cidade de Pitangueiras, onde teve origem à Destilaria Viralcool LTDA.

Em 1902 nasce seu filho Eduardo que administra a empresa até 1965. Em 1966 Eduardo passa o controle da empresa aos filhos Antonio Eduardo, Renato, Waldemar e José Pedro que ampliam os negócios criando a destilaria Santa Inês, localizada na fazenda Córrego das Pedras em Sertãozinho. No ano de 1984 surge a Destilaria Viralcool LTDA no município de Pitangueiras iniciando o trabalho com a Destilaria Santa Inês. Na data de 17 de julho de 1986 teve início a primeira safra da Destilaria Viralcool com uma produção de 30,9 milhões de litros de aguardente. Após dois anos inicia-se a produção de álcool (etanol). E finalmente chegando a 2002 quando a Viralcool inicia o processo de cogeração de energia para a CPFL.⁴³

No ano de 1961, a família Andrade, outro exemplo de usineiros, deu início às atividades de um engenho que viria a se transformar num dos maiores expoentes do setor sucroalcooleiro e de energia do mundo. O crescimento da produção e a implantação do Proálcool no final da década de 1970 levaram a criação da Andrade Açúcar e Álcool, com sede no município de Pitangueiras.

No ano de 1980, a Andrade moía 120 mil toneladas de cana e gerava cerca de 800 empregos diretos. Ao longo da década de 1990, os números demonstram o crescimento do Grupo: em 1992, a Andrade se torna a maior destilaria autônoma do mundo, com moagem de 3 milhões de toneladas, produção de 300 mil metros cúbicos de álcool e geração de 2.500 empregos diretos.⁴⁴

Através da demanda nacional pelo etanol, muitos agricultores passaram a escolher o cultivo da cana-de-açúcar, e essa cultura se desenvolve cada vez mais até ultrapassar e substituir totalmente o plantio da laranja na década de 1990. Basicamente entre fins de 1980 e início de 1990 se dá o período de transição entre a cultura da laranja e a cana-de-açúcar.

⁴² Ibid., p. 132.

⁴³ Disponível em: <http://www.viralcool.com.br/index.swf> acessado em 18 de julho de 2010.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.grupoandrade.com.br/historico.php> acessado em 25 de setembro de 2010.

A intenção é no próximo capítulo conceituar mais especificamente a realidade do pequeno agricultor e do município de Viradouro, a modernização do campo, a vinda da agroindústria com o posicionamento (relatos) dos pequenos agricultores.

Capítulo 3 – A Agroindústria nos relatos dos agricultores

Este capítulo tem como proposição posicionar os pequenos agricultores como pessoas que participam, agentes transformadores, inseridos em um complexo agrícola transformado pelas inovações da modernidade.

A intenção é conceituar o complexo agroindustrial, na visão de Muller, como essas mudanças afetaram Viradouro e o posicionamento dos produtores de cana em relação a esse contexto.

3.1 – As transformações agroindustriais e seu impacto sociocultural

Analisando-se a modernização da agricultura regional nos últimos anos deparamos com um conceito desenvolvido pelo professor Geraldo Muller chamado CAI (Complexo Agro Industrial).

Segundo Muller essa modernização provocaria a despersonalização do trabalhador rural com suas tradições e costumes e o aparecimento de uma força de trabalho livre e dominada ideologicamente no sentido de não ter para onde ir e sendo explorados de uma forma mais sistemática não só sazonalmente nos Complexos Agroindustriais, mas em setores da economia urbana e que se iludiam com a conquista de uma casa e educação para os filhos.

Aliando-se à figura do trabalhador, o agricultor moderno vai se tornando uma figura despersonalizada, devido ao fato de não estar mais ligado ao campo diretamente, melhor dizendo, totalmente, pois agora ele reside na área urbana, muitos desses produtores já estão inseridos em outras categorias profissionais também.

A agricultura brasileira transitou do modo tradicional de produzir para um considerado modo moderno, em que ao combinar processos industriais, terra e trabalho, modificou as relações sociais de produção que envolvem a agricultura e alcança os grandes mercados externos e internos.

Ao fazer uso da categoria CAI, faz-se não apenas na dimensão econômica, mas, também como um “conjunto formado pela sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários”⁴⁵ do ponto de vista sociocultural.

O complexo agroindustrial sucroalcooleiro, ao mesmo tempo em que modifica o modo de produzir na agricultura, transforma também as relações sócio espaciais: queremos dizer, modifica as relações sociais e o espaço onde ocorrem.

⁴⁵ MULLER, G. **Complexo agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo: Hucitec/Educ. 1989. p. 45.

Com a consolidação da indústria pesada entre 1950 e 1960 e a interiorização de sua base técnica que vai submeter à agricultura a um processo de modernização com a expansão da produção de exportáveis como o açúcar, a soja, carne e suco de frutas cítricas, ampliando assim a relação técnica entre agricultura e indústria, transforma-se também nas práticas e saberes do agricultor.

Assim sendo, é percebido que “[...] a acumulação de capital industrial passa a revolucionar o comércio e as comunicações, acelerando a dependência da agricultura e [...] observa-se um esboço da aplicação da ciência moderna na agricultura.”⁴⁶

É essa expansão da indústria sobre a atividade agrícola que passará a mudar a fisionomia dos espaços e as relações sociais na região e na localidade de Viradouro.

O período em que essa aproximação e expansão das atividades industriais na agricultura ocorrem, coincide com a expansão da agroindústria açucareira.

Essa nova perspectiva de crescimento à agricultura açucareira brasileira leva o governo a uma ação mais sistemática e generalizada, tomando decisões envolvendo cotas de produção, comercialização e expansão, além de incentivos destinados a melhorar a produtividade tanto no canavial quanto na usina.

A isso se soma a ação governamental operando na esfera da intermediação financeira e na formulação e implementação de políticas econômicas. A conjunção de capital estrangeiro, nacional e estatal com número pequeno de empresas e grupos econômicos, fará com que a agricultura assuma na região sudeste um novo modo de produzir.⁴⁷

É, para Muller, um movimento de integração indústria a agricultura em que houve um intrincado movimento de unidades de capital seja para a agricultura e comércio, seja desta para a indústria e comércio.

Como se pode perceber, os diferentes setores se integram, agrupam subsetores, mobilizam vultosos fluxos de capital e praticam a especulação fundiária em largas dimensões. Com certeza essa movimentação não só integra indústria e agricultura, mas, também, altera as dimensões e relações sócio espaciais.

As pequenas cidades que estão sob influencia desse movimento terão suas dimensões e características sociais modificadas. Para o caso de Viradouro, isso pode ser constatado nas demais localidades do entorno do complexo.

⁴⁶MULLER, G. Op. cit. p. 59.

⁴⁷ DEL DUCA, P. F. **As transformações sócio espaciais em Viradouro, o complexo agroindustrial sucroalcooleiro, os bairros periféricos e a habitação**. Araraquara: UNESP. 2004. P. 27.

Em suma, pelo que se expôs, pode-se admitir que os grupos econômicos que operam no complexo agroindustrial dominam seus respectivos ramos, bem como a dinâmica das atividades agrárias e comerciais. E mais: nestas atividades, estão presentes também grandes unidades centralizadas de capital, que no período de 1965-80 não param de se multiplicar.⁴⁸

No que tange ao complexo sucroalcooleiro, desde o final da década de 1940, início de 1950 e as décadas seguintes, as usinas de açúcar vem se tornando importantes núcleos da vida política e econômica dos municípios sobre sua influencia. A partir das relações de aproximação da indústria e agricultura, estão outras que envolvem os espaços e os grupos sociais.

De longe, vista do campo, a usina parece engolida pelo canavial, a fábrica pela planta, a indústria pela agricultura. Mas o que ocorre é o inverso, reverso. Na agroindústria açucareira, o capital industrial instalado no campo confere ao capital agrário as suas cores e as suas matizes.⁴⁹

Del Duca afirma que as cidades também são envolvidas e modificadas. Dividem-se os espaços tradicionais e criam-se novos lugares para abrigar os trabalhadores que vão residir em suas periferias. Essas periferias eram antigas áreas da zona rural que foram incorporadas à zona urbana por meio de medidas legais estabelecidas pelo poder público local.⁵⁰

Em Viradouro não foi diferente, a sua população rural decresceu bastante. Segundo Tocalino, em 1950 e 2000 a população total cresce de 8.090 habitantes para 15.962, uma taxa de 97,3%. Contudo, os dados disponíveis mostram que esse crescimento diz respeito a população urbana, dado que de 1980 a 2000 a população rural vai decrescendo paulatinamente, indo de 1585 em 1980 para 876 em 2000, um decréscimo de 55,2%.⁵¹

Por sua vez a aproximação entre indústria e agricultura altera a estrutura fundiária e modifica o modo de produzir no campo, privilegiando a grande lavoura que produz matéria prima para a agroindústria em detrimento da pequena produtora de alimento.

Conforme Silva “a concentração da propriedade da terra segue o movimento de expansão e retração da pequena e grande propriedade nos períodos de subida do período econômico e seu descenso.”⁵²

A dinâmica de criação/destruição da pequena propriedade é mais ou menos o seguinte: na fase da subida do ciclo econômico, as pequenas propriedades são engolidas naquelas

⁴⁸ MULLER, G. Op. cit. p. 90.

⁴⁹ BERQUÔ, E. et. All Sertãozinho. In: **Cebap IV** – Estudos de População. 1979.

⁵⁰ DEL DUCA, P. F. Op. cit. p. 64.

⁵¹ TOCALINO, L. C. Op. cit. p. 79.

⁵² SILVA, J. G. da. **Modernização dolorosa**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar. 1981. p. 49.

regiões de maior desenvolvimento do capitalismo no campo e empurrada para a fronteira, na maioria das vezes na forma de pequenos posseiros. “Na fase de descenso, as pequenas se expandem, [...], mesmo em certas regiões de maior desenvolvimento capitalista e/ou de estrutura agrária consolidada.”⁵³

Del Duca afirma que esse novo modo de produzir na agricultura, voltado para a agroindústria, tem como consequência a expulsão do trabalhador da terra e como seu destino a cidade.

Essas afirmações anteriores reforçam a realidade vista hoje no campo, que se transformou em empresa rural. No exemplo de Viradouro a monocultura da cana domina a área rural, são vistos somente grande cinturões de açúcar e álcool, caminhões, colhedeiros, queimadas, tratores; espaço adaptado aos acordos dos agronegócios, não se vê mais cercas, nem moradias, quanto mais capelas; a paisagem cultural se modificou, mas ainda não se perdeu totalmente.

Pelos fatos, afirmações e estudos anteriores é visto a força do impacto ambiental e social que a cana de açúcar proporcionou e ainda causa, junto com seu “progresso” sentido muito mais pelos grandes proprietários e usineiros.

Todavia sempre haverá contrapontos positivos e negativos nos modelos agrícolas propostos pela economia rural paulista e comportamento das representações políticas.

3.2 – Os entrevistados e a terra

Sr. José Carlos Porcionato, com 63 anos, nascido em Viradouro, no sítio, do qual seus pais João Porcionato e Lúcia Gianello eram os proprietários. Tem mais 2 irmãos e é descendente de italianos. Segundo seus relatos teve contato com a lavoura desde cedo, morou no sítio na sua infância e parte da adolescência.

Estudou e concluiu o primário, depois fez curso técnico agrícola e técnico em mecânica. Trabalhou durante dez anos no setor industrial depois retornou para a lavoura.

É casado, tem dois filhos (um casal), que já não moram com ele, são casados também. Possui uma neta.

O sr. Milton Debage, com 66 anos, nascido em Taiacú, no sítio. Seus pais Orlindo Debage e Lidia Bossonaro eram os proprietários, descendente de italianos; em seus relatos afirma que toda sua família é tradicionalmente envolvida com agricultura, composta por cinco irmãos; e esta sempre foi a atividade mantenedora da família. Eram todos de origem simples.

⁵³ Ibid., p. 61.

Estudou até os dez anos, segundo ele foi o suficiente para concluir o 4º ano e ganhar um diploma. Depois precisou ajudar o pai e os irmãos na colheita do algodão.

Trabalhava na adolescência fora da propriedade da família, em viveiros de laranja, fazendo mudas, atividade essa que lhe rendeu melhores condições.

Após iniciar seu namoro com Teresa Floridi, muda-se para o município de Viradouro para se casarem, tiveram três filhas, que hoje estão casadas e trabalhando em suas respectivas funções.

E o sr. José Matheus, com 73 anos, nascido em Viradouro, filho de João Matheus e Emília Bruschini Matheus, possuidores de um sítio no qual tinham roça e gado. O entrevistado comentou sobre a grande quantidade de pastagem no sítio da família.

Viveu sua infância no sítio, depois se mudaram para a cidade, começou a estudar no Grupo Estudantil, hoje denominado Escola Municipal Dr. Sandoval José de Almeida. O sr. José Matheus estava ansioso para finalizar a escola, afirma que estudava por pressão dos pais.

Depois de uns anos foi para Pontal trabalhar em um posto de gasolina, ficou por lá durante dois anos, depois retornou para Viradouro. Começou a investir o seu dinheiro, comprou um caminhão de carga e um ônibus, trabalhava nisso junto com seu pai; fazia também serviços de reparo e manutenção por ter um irmão mecânico.

Trabalhou como motorista de estudantes por aproximadamente quinze anos, e intercalava essa função com a de agricultor.

Sr. José Carlos adquiriu sua propriedade por meio de herança, após o casamento com a sra. Josefina, em 1972, adquiriu 30 alqueires de seu sogro, cuja propriedade está atualmente situada no bairro rural denominado “Jardim”.

Da mesma forma que o anterior, o Sr. Milton se casou com a sra. Teresa e ganhou a propriedade que lhe pertence até hoje como herança, pois, segundo ele, seu sogro era um grande proprietário de terras, e lhe concedeu 25 alqueires de uma fazenda que se chamava Alvorada. Havia muito pastagem ali, seria necessário muito trabalho para organizar a lavoura naquela área.

E diferentemente foi o caso do sr. José Matheus, que, depois de um tempo trabalhando como motorista, conseguiu juntar dinheiro e comprar sua propriedade. Inicialmente era pequena, possuía 7 alqueires, no bairro rural denominado “Banharão”, depois vende-a e compra outra próxima ao rio Pardo. Era o período em que a laranja começava a oferecer um melhor preço. Comprou uma maior de um indivíduo por ele chamado de Oliveira, novamente no bairro Banharão.

Assim, todos os entrevistados são classificados como pequenos agricultores.

Neste trabalho o conceito de pequeno agricultor (produtor rural) segue a definição da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) o indivíduo-produtor que possui uma área agrícola entre 10 a 30 alqueires (1 alq. = 24.200 m²), sendo que para cada alqueire a média de produção chega a 200 toneladas de cana.

3.3 – A cultura sucroalcooleira

Sr. José Carlos teve a impressão de que a agricultura regional deste período começou a se transformar, para melhor, nos anos 1970. Segundo ele novas tecnologias no setor mecânico (tratores, colhedoras, implementos agrícolas) vieram, tipos de lavouras diferentes (plantio, curvas de nível), oposto ao modelo antigo, de sua infância nos anos 1940. E com isso foi havendo uma adaptação, comprando máquinas dos melhores modelos da época, dentro das suas condições, insumos melhores (adubos, herbicidas), atingindo melhor produtividade.

Ele iniciou em sua propriedade a cultura da soja, segundo ele essa época era a mais propícia para se plantar soja, estava no auge, com bom valor no mercado. Anos depois adentrou na citricultura, que muito se destacou nos anos 1970 e meados de 1980. A laranja era a melhor opção da época, porque a citricultura, era uma cultura que rendia; proporcionava muita fatura, agregava o pessoal com maior intensidade na propriedade, enquanto na transformação para a cana-de-açúcar foi esvaziando o campo, provocando o êxodo para a cidade, só restou a lavoura no campo, isso causou uma deficiência para as condições de vida do agricultor.

O sr. Milton relata que cultivava grãos (milho, soja, amendoim, arroz), plantou também mamona por um período, não chegou a cultivar a laranja quando estava rentável. Transferiu-se das lavouras de grãos para a cana-de-açúcar quando o Proálcool iniciou sua propaganda, seu incentivo, as usinas foram chegando. Para ele a agricultura antes do período da cana, não estava bem.

Já o sr. José Matheus adquiriu sua propriedade e posteriormente começou a investir na laranja, foi um período em que praticamente a maioria dos produtores em Viradouro trabalhavam com citricultura, e com isso ele cresceu e começou a acumular.

Passado os anos bons, a laranja entrou em crise. Para ele vender no último ano precisou ofertar a R\$ 0,20 a caixa, colhia por conta própria, e transportava também. Disse que os compradores ficaram com dó dele, senão não comprariam.

Ele afirma que sempre acompanhava a tendência do mercado, o que gerava mais lucro ele cultivava, não há como ser de outra forma.

Sr. José Carlos relata que chegou um tempo em que não havia mais como manter a laranja. A situação estava difícil, baixos preços, altos custos, e a cana era o artigo do momento. Possuía uma condição de ganho melhor e que não estavam surgindo alternativas para manter as suas contas, na agricultura não se vive somente de otimismo.

No meio da década de 1990 a cana começou a ser mais vantajosa que a laranja, a citricultura perdeu muito com a venda da Frutesp, pois havia muitos cooperados, muita gente envolvida. Nesse momento de fracasso da laranja, os seus preços baixaram, os custos para manter a produção eram muito altos e produzir cana dava maior segurança. A cana passou a ser maior parte da lavoura em sua propriedade. Teve que acompanhar o mercado para continuar ganhando dinheiro.

A sua transição para a cana-de-açúcar foi parcial, primeiramente iniciou com uma parte da propriedade com cana, sentiu o efeito positivo e passou totalmente.

O sr. Milton adere a cultura da cana logo quando ela começa a se destacar, a transição dos grãos para a nova cultura foi total. Ficou parceiro da indústria Andrade, e começou a ganhar dinheiro. Com essa parceria com o Luiz Andrade houve maior estabilidade, afirma que nunca foi problema trabalhar. E acrescenta que para ele o período em que os militares governavam foi excelente, porque eles tinham visibilidade para a agricultura, entendiam a sua importância, investiam na área rural. O Proálcool ficou famoso, foi muito bom para a agricultura. Foram mudanças boas que ocorreram em sua vida.

E o sr. José Matheus quando começa a plantar cana já existiam usinas, o Luiz Andrade (industrial) tinha lhe convencido a investir nessa cultura, a plantar cana.

Começou parcialmente com a cana, com 5 alqueires, depois plantou o restante da área totalmente com cana. Estava lucrando bastante, plantando em terra que era cultivada a laranja. A cana rendia 4 mil toneladas na área total.

Depois que começou a plantar cana a situação foi melhorando, ele foi cultivando as terras e com o passar do tempo as coisas melhoraram.

Nesse período de transição da laranja para a cana ele ficou com 3 alqueires sem colher, a usina tinha pago pouco neste ano.

Alguns anos foram ruins, ele tinha um caminhão e precisou vender, também vendeu uma camionete e um trator novo, para pagar as dívidas. A usina não pagou direito e ele foi vendendo o que conseguira.

Sobre o Proálcool o sr. José Carlos define como o projeto que ditava as normas do setor canavieiro, e trazia uma condição de maior segurança para o produtor. Ele afirmou estar pouco orientado sobre o Proálcool, sobre seu funcionamento. Até onde ele conhecia ocorria benefícios em valores, a cana que os produtores tinham necessitava estar atualizada com os

melhores preços para concorrer com a gasolina nos postos para incentivar o uso dos combustíveis em automóveis, e a fabricação dos movidos à álcool. Ele afirmou pensar que o Proálcool foi criado em torno das políticas industriais; que as usinas vinham com uma grande parte do seu próprio produto, de lavouras pessoais, e o fornecedor foi se integrando à usina aos poucos. Isso foi muito vantajoso na época porque era pago a cana pelo teor da produção do subproduto que é a sacarose, e hoje é diferente, a usina se aprimorou em benefício próprio, e paga agora em condições relativas mediante o agricultor ter uma boa matéria e ele vai receber igualmente um outro que oferecer um produto diferente, talvez inferior, pois o pagamento é feito pelo número de toneladas e sua riqueza em açúcar (ATR – Açúcar Total Recuperado).

Já o sr. Milton afirmou acreditar que o Proálcool veio para ajudar mais os donos das usinas e que os pequenos agricultores ficaram em segundo plano. Vivem sempre dependendo, são o “lado fraco da corda”, apesar de serem maioria. Ele se considera corajoso, lutou muito e adquiriu bens, mas hoje acha que não conseguiria mais nada. Para conquistar pouco teria que trabalhar muito mais, ou seja, a situação do agricultor com a cana piorou face aos avanços técnicos e econômicos e da ampliação da monocultura canavieira – a única alternativa economicamente viável da região.

Sobre o Proálcool, o sr. José Matheus disse que sempre seguiu a tendência dos colegas agricultores, e que se ele continuasse com a laranja teria falido. O Proálcool animou os produtores, veio a cana que era mais lucrativa, o Luiz e o Constant (industriais) foram em sua casa e fizeram um acordo. Ou seja, havia, no início relações pessoais, dominação pessoal, para garantir a expansão da cana.

A relação que existiu entre o produtor e o usineiro sempre foi boa ao olhar do sr. José Matheus, devido a rentabilidade. Todavia com o passar do tempo as contradições afloraram e procurou não brigar pelas taxas finais da sacarose e o CCT (tarifa para corte, carregamento e transporte). No fim das contas ele permanece evitando confronto e submete a dominação do usineiro. Escamoteando a relação de dominação e exploração ampliadas, afirma que pra ele não mudou nada entre produtor e usineiro. Acha que quando surgem empecilhos não adianta ficar mudando de usina – o monopólio se faz sentir, ainda que não oficializado.

Acredita que a Associação (Canaoeste) ajudou muito nessa relação, qualquer novidade os associados são informados, todos os problemas são resolvidos por ela. O sr. José Matheus foi se acomodando a medida que a idade avançava e a monocultura da cana também.

Diz não se lembrar quando entrou para a associação, mas que foi quando começaram a chegar as cooperativas, a Copercana, de Pitangueiras e a Coopercitrus.

Segundo o sr. Milton a relação com a usina hoje está diferente, ele acha que devido ao crescimento dos usineiros. Ele teve contato com três usinas, atualmente fornece para a Virálcool. Mas iniciou com a Andrade, depois foi para a Santa Elisa, e por fim a Virálcool. O tratamento atual da Virálcool é bastante diferente, bem pior. Ele diz ter a impressão que há muitas pessoas para mandar, dar ordens e poucos para resolver, trabalhar mesmo; e que seu sistema de vida é bem diferente, ele gosta de poucas pessoas para resolver e muitas para trabalhar. Muita burocracia, muitos chefes, esse é o segundo ano que está fornecendo lá, de qualquer forma é uma vida trabalhosa os agricultores tem que aguentar, diz ele. Em outros termos, o agricultor é inerte face à impessoalidade do capitalismo atual.

Quanto a Associação (Canaoeste) faz uma boa intermediação entre o produtor e o usineiro, principalmente para os associados. Sempre compra grande quantidade de adubo, outros insumos, venenos, máquinas, pulverizadores. A Canaoeste ajuda muito mesmo, segundo o sr. Milton.

Começou a fazer parte da Associação há mais de 20 anos, e ratifica que na época do Proálcool, existiam diversas na região. A Coopercitrus (citricultura) foi uma que se destacou na época da laranja, vieram anteriormente às cooperativas sucroalcooleiras, a Copercana, Cocred (Crédito Rural), mas com essa última ele se envolve menos, se manteve com suas próprias forças. “Eu fico preocupado, todavia inseguro de pegar dinheiro no banco”, diz estar passando por uma época ruim. Ou seja, a cana está em crise não oficial.

Os piores anos foram os 1990, para fazer dinheiro. Tinha que por muito produto dentro da usina, o pagamento estava ruim e os governos estavam em transição. Cada pessoa vê de um modo, uns gostariam de ajudar os industriais e os pequenos tinham sempre que arrumar um jeito de se organizar. Apesar de ser uma pessoa bem controlada economicamente, familiarmente, vive com dificuldades face ao novo modelo de pagamento da cana pela usina.

Sr. José Carlos afirma que a relação da usina com o produtor ainda é boa, mas está diferente de quando iniciou, quando o setor sucroalcooleiro estava no início as usinas tinham um tratamento diferente, havia entre os produtores e industriais uma condição de parceria, que hoje se alterou, calculando com mais vantagens para a usina, o produtor tem trabalhado mais e se submetido ao que a usina tem determinado face a ausência de alternativas viáveis.

Ele começou fornecendo para a usina Andrade, instalada no município de Ibitiúva. Mas atualmente fornece para a Virálcool. É cooperado tanto da Coopercitrus, quanto da Copercana, as duas tem a finalidade de intermediar o produtor e a indústria, no consumo e fornecimento de produtos para a agricultura e dar melhores condições de trabalho no período da safra. A cooperativa é importante perante os associados, segundo ele.

Desde o início quando mudou para a cana ele faz parte da Canaoeste (Associação). Não foi uma escolha, na época (anos 1980), a única entidade que existia na região era a Canaoeste, depois surgiram outras, mas como ele já estava nesta e ela sempre atendeu a tudo o que era necessário, permaneceu. Não se associou somente por necessidade, ele acreditou que o produtor deve estar aliado junto com a entidade, seja a Canaoeste ou outra, pois é muito importante a união de forças.

Ele sentiu que com o passar do tempo a usina tem se distanciado do produtor. Antes a usina fazia um atendimento mais próximo, hoje está havendo um distanciamento do industrial, a impessoalidade das relações capitalistas, um certo descaso, talvez, inclusive, por haver uma demanda enorme. Nunca teve problemas com a usina, mas sente uma dificuldade maior antes era atendido, e hoje tem que conversar com o pessoal da usina lá, marcar horário e nem sempre é atendido. A burocracia se impôs.

O sr. Milton, no que tange a política da cana considera que, na atualidade está sendo uma época difícil, não há incentivo, embora ele seja muito reservado nessa parte, porque ele diz que o envolvimento com bancos é um grande problema, que deixará o agricultor sempre preso, fazendo com que haja uma perda consecutivamente dos bens conquistados através dos anos, uma constante que não terá solução face a política agrária do país.

Ele considera que no período militar os agricultores possuíam mais voz, as pessoas mais famosas, os intelectuais, falavam que era a ditadura, mas para ele a ditadura está acontecendo hoje, por estar preso aos bancos, cooperativas, em firmas de máquinas, de implementos. Se não souber lidar com o mercado ele engole o agricultor. Sr. Milton comenta que tem muitos amigos tristes, desanimados, reclamando, e que desanima junto com eles, por ver eles trabalharem e ser mal remunerado e ver os bancos tomando o que foi adquirido num passado trabalhoso.

Na opinião do sr. Milton ele não investiria mais em agricultura se tivesse condições, que este não seria o objetivo dele.

Para o sr. José Matheus a política nessa época – ditadura – era igual a de hoje. Ele não buscava se envolver. Tinha pessoas que diziam que o país estava em crise, que estava ruim, para ele não estava, que os políticos são todos a mesma coisa, todo mundo que entrou lá (Congresso) era igual. Não se sentia apoiado e não houve investimentos que chegou de fato ao agricultor. Hoje se fosse para decidir investir sem dúvida continuaria comprando terras e plantando cana, ele diz gostar de agricultura, e não está nem podendo trabalhar mais, mas vai até quando aguentar.

Sr. José diz que sobre política no Brasil tivemos épocas boas e épocas que se sentiu desamparado, o período bom da lavoura foram os anos 1970 e 1980, ele teve condições para

fazer financiamentos e comprar maquinários melhores, e nos últimos anos da década de 1990 começou a ficar desamparado na agricultura, não tendo proteção nenhuma. Os agricultores passaram a acumular dívidas pelos custeios que foram feitos, o que produzia era insuficiente para a sobrevivência e pagar os compromissos. Hoje está havendo uma melhoria, um equilíbrio entre os gastos e a produção um pouco mais adequada.

Ele cita dois ministros que se empenharam mais em nossa região, o Platino de Moraes e Roberto Rodrigues, eles participaram, foram atuantes em nossa região, e por todo o país, na agricultura de forma geral, eles foram muito importantes para o avanço da nossa agricultura e foram os que se destacaram mais.

Atualmente se fosse para escolher em adquirir uma propriedade ele escolheria continuar investindo sim, até porque o pouco que diz saber trabalhar é voltado para a área agrícola, conhece sobre grãos, desde o tempo do café, produziu laranja por muito tempo e a cana-de-açúcar também, ele se sente inserido nessa condição de trabalho, o pouco conhecimento que ele adquiriu é sobre lavoura, ele investiria tudo em agricultura com certeza.

Ele considera que ocorreu um vazio muito grande no período que foi acabando o patrimônio que existia na agricultura, as pessoas que viviam no campo, na roça, e que vieram todos para a cidade. Esvaziou o campo e isso diminuiu muito a produção de lavoura que supre a alimentação (subsistência). Para ele foi importante a época em que as pessoas moravam na roça, participavam diretamente na produção, moravam na propriedade, no seu ponto de vista eles trabalhavam mais, aproveitavam melhor o espaço e eram mais envolvidos. Em outros termos, sente falta das relações pessoais de outrora e seu modo típico de solidariedade e compadrio que o capitalismo baseado na cana desconfigurou.

Pelos relatos desses agricultores, a realidade do setor sucroalcooleiro, assim como outros que existem inseridos no sistema capitalista, pressiona o pequeno agricultor, apesar dos mesmos serem a maioria dessa categoria, à exaustão, desânimo e baixa renda.

Ao estarem inseridos em associações, a unidade se fortalece e consegue obter alguns benefícios no preço final e pressionar relativamente a indústria, mas sem limitar o poder dos usineiros, sobre a exploração do agricultor.

Nesse contexto agrário, percebe-se também a ideia romântica do imigrante italiano que vem para o Brasil em busca de conquistar terras, trabalhar, ganhar a vida, se mantém através das gerações que vão se sucedendo. Pelos relatos anteriores observa-se o saudosismo e a falta do ambiente que existia antes que ocorre nesses agricultores, que são sujeitos históricos também, com a transformação que vem ocorrendo no campo.

As décadas de 1980 e 1990 foram marcantes para analisar o descaso das instituições em relação a esses indivíduos que sempre promoveram a economia regional, e com isso, parte

da nacional. Das usinas, ou melhor, usineiros que cresceram e ampliaram seu patrimônio financeiro e foram afirmando com seu posicionamento diante desses agricultores a impessoalização capitalista se impõe deixando ao agricultor o triste gosto amargo de ser o bagaço de sua própria situação.

Considerações Finais

Neste trabalho monográfico sem dúvida as fontes recolhidas só foram organizadas devido o auxílio da metodologia oral, do contrário não haveria como adquiri-las e organizá-las ao tema pesquisado, o pequeno agricultor de Viradouro e a monocultura da cana.

É fundamental citar o uso desta metodologia, pois o estudo feito a partir dos agricultores auxilia no processo de entendimento da memória coletiva deste grupo, o contexto regional em que se integraram e se formaram.

A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendido com os outros e vigor imaginativo.⁵⁴

E pela visualização dessas memórias individualmente entendemos que há o reviver do passado. Esse agricultor se percebe como membro que integra uma cultura econômica agrícola, se vê como parte de um grupo e que conviveu com muitas dessas transformações. Sentiram-se felizes e importantes ao serem ouvidos e citados.

As sensações que vieram juntas com os relatos, a emoção que ocorreu na lembrança do passado, a memória do trabalho fez com que fossem entendidos os benefícios e dificuldades desses sujeitos históricos. Exemplo disso foram as alterações de preços na década de 1990 e o efeito do afastamento – impessoalidade – do usineiro capitalista gerando insegurança e desconfiança face ao “explorador” outrora tido como “amigo” ou “parceiro”.

Diante do estudo das informações fornecidas, chega-se ao apontamento de que o estereótipo do pequeno agricultor foi transformado com a modernização do campo, com a chegada da agroindústria sucroalcooleira, ou seja, com a transformação das relações de produção do espaço rural e urbano concomitantemente. Dentre estas mudanças é percebido o êxodo do homem do campo para a cidade devido à despersonalização desse trabalhador diante das transformações de sua propriedade que perdeu a caracterização tradicional, tornando-se espaço unicamente para a lavoura de monocultura, deixando-o sem trabalho para a terra agora arrendada.

Outro apontamento desse trabalho é que, basicamente comprova-se o afastamento, ou melhor, a impessoalização capitalista do usineiro diante do produtor de uma maneira cada vez mais acentuada, o que remete a ampliação da exploração do pequeno agricultor diante do complexo sucroalcooleiro.

⁵⁴ THOMPSON, P. Op. cit. p. 185.

Por outro lado, pelas afirmações dos sujeitos da pesquisa, os incentivos governamentais não atingem o pequeno agricultor, fazendo com que haja cada vez mais terras arrendadas como única possibilidade de manutenção da pequena propriedade face aos grandes agricultores ou grupos agroindustriais, mesmo que sacrificando o estilo de vida e o sonho de cultivar a propriedade como forma de sustento e “enriquecimento”.

Pelos relatos que foram feitos chega-se também ao ponto que o Projeto Nacional do Álcool (Proálcool) foi um estímulo promovido pelo governo militar na década de 1970 como estímulo para a instalação de usinas, desenvolvendo o setor industrial, principalmente as fábricas de automóveis, aquecendo o mercado, porém, se preocupar com o pequeno agricultor que, em análise, nunca sentiu os efeitos diretos deste financiamento que visava o topo do complexo agrícola da cana, a expansão da Usina e a fábrica de carros.

Devido aos muitos períodos de instabilidade no setor e as safras negativas, além da ausência de política estatal voltada ao pequeno proprietário, os agricultores não estimularam seus familiares a dar continuidade na propriedade, fazendo com que futuramente as mesmas sejam mantidas por arrendamentos ou sejam vendidas, face aos filhos formados em profissões liberais, colaborando para a concentração da terra.

Houve muita instabilidade no campo, principalmente na década de 1990, muitas perdas no período inicial do Plano Real. O declínio da cultura da laranja desestabilizou o setor agrícola na região, fazendo com que a cana fosse a única opção, a melhor talvez. Somente no ano 2000 retorna o sentimento de segurança aos agricultores, devido ao aumento de consumo do álcool no país (tecnologia flexfuel nos automóveis), melhora nos preços de exportação do açúcar, aumento de produtividade por hectare (avanços tecnológicos, variedades de cana mais produtivas), a colheita mecanizada começa a ganhar espaço como agente substituto das queimadas evitando a poluição. Existe a consciência desses agricultores de que está havendo uma atividade monocultora na área e impactos ambientais sobre a natureza, mas sempre é visto primeiramente o lucro diante de seus iguais.

Diante dos relatos fica a impressão de que os agricultores que mantêm a propriedade e estimulam a continuidade da propriedade agrária na família tem como foco unicamente a esperança e o orgulho da vitória histórica do imigrante – sobretudo dos descendentes de italianos. Todavia, a realidade se impõe. Havendo problemas e sucessivas safras negativas muitos quebraram com esse posicionamento, outros não chegaram a falência por possuírem outras atividades lucrativas ou outros bens que foram vendidos para sanar dívidas e financiamentos.

Finalizando afirmo que foi uma experiência grandiosa escrever sobre um tema em que eu estou inserido como partícipe. Os entrevistados se sentiram valorizados e lembrados

enquanto sujeitos da história, acredito que foi uma forma digna de contribuir com a sociedade pelo precioso conhecimento acadêmico em que tive contato.

Bibliografia

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANDRADE, M. C. **Modernização e pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social**. São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- BERQUÑO, E. Et. all Sertãozinho. In: **Cebrap IV** – Estudos de população. 1979.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 12ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRANDÃO, A. **Cana de açúcar: álcool e açúcar na história e no desenvolvimento social do Brasil**. Brasília: Horizonte, 1984.
- CARVALHO, A. **Experiência de la utilización de alcohol carburante em el Brasil**. Instituto de Economia Energética, Bariloche, novembro de 2005.
- CONDÉ, J. **A cana-de-açúcar na vida brasileira**. Rio de Janeiro: Vida Doméstica Ltda, 1972.
- DEL DUCA, P. F. **As transformações sócio espaciais em Viradouro, o complexo agroindustrial sucroalcooleiro, os bairros periféricos e a habitação**. Araraquara: UNESP. 2004.
- FLEXOR, G. A conturbada trajetória do álcool combustível no Brasil e seus desafios atuais. In: **Artigos mensais do Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura**, nº 2. CPDA, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; OPPA, Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura. Instituto Multidisciplinar IM/UFRRJ. Junho/2007.
- FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas. 2006.
- FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____; CASCUDO, L. C. **Sociologia do açúcar**. Recife: UFPB (Museu do Açúcar), 1971.
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 18ª ed. São Paulo: Nacional, 1982.
- LEÃO, R. M. **Álcool, energia verde**. São Paulo: Igual, 2002.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: SP Editora da Unicamp, 1990.
- LIMA, H. F. **História político-econômica e industrial do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Cia. Edit. Nacional. 1976.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MENESES, J. T. **Etanol, o combustível do Brasil**. Rio de Janeiro: Ceres, 1980.

MULLER, G. **Complexo agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo: Hucitec/Educ. 1989.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral. In: **Ética e História Oral**. Projeto História. São Paulo: Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, vol. 15, 1997.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 43ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SILVA, A. L. da. Memória, tradição oral e a afirmação da identidade negra. In: **Movimento – Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, nº 1, maio de 2000. Niterói: EdUFF, 2000.

SILVA, J. G. da. **Modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. São Paulo: Paz e terra, 1992

TOCALINO, L. C. **Viradouro: nossa terra, nossa gente, nossa história**. Editora: do Autor. 2003.

Fontes

PORCIONATO, José Carlos. Entrevista. Viradouro, 10 de setembro de 2010.

DEBAGE, Milton. Entrevista. Viradouro, 6 de setembro de 2010.

MATHEUS, José. Entrevista. Viradouro, 12 de setembro de 2010.

Apêndice

A – Entrevista com o sr. José Carlos Porcionato



Qual o nome completo do sr. e dos seus pais?

José Carlos Porcionato filho de João Antonio Porcionato e Luzia Gianello.

Quando o sr. nasceu e em que cidade?

Eu nasci em Viradouro, dia 10 de fevereiro de 1947. Eu nasci no sítio, na roça, no bairro da Água Limpa.

Seus pais moravam no sítio? Eram deles a propriedade? O que cultivavam?

Isso, era da família.

O sr. tinha irmãos seu José? Quantos?

Nós somos em 3 irmãos.

Como o sr. adquiriu sua propriedade?

Sim, a propriedade hoje que a gente possui vem de herança, veio da doação do pai da minha esposa e foi em 1972, a partir daí a gente começou a trabalhar com a lavoura própria.

O sr. começou a plantar o que?

Na época a gente trabalhava com a lavoura de grãos: soja, milho, amendoim, aí na medida que o tempo passou eu passei a trabalhar com o segmento da citricultura, a partir de 1974.

Mais ou menos nesse período qual a impressão que o sr. tinha da agricultura na região, no país, qual a impressão que o sr. tinha disso tudo?

Então, é, eu tenho conhecimento de lavouras desde o início, meus pais foram nascidos e criados na lavoura, a partir dos anos 1970 começou as transformações na agricultura, condições mecanizadas, tipos de lavouras diferentes, do que era do tempo antigo, foi o início da era da soja, e eu também acompanhei o segmento da época, fui trabalhar com soja.

E o sr. foi se adaptando a tecnologia, foi comprando?

Isso eu, a mecanização que a gente possuía era o que era de melhor na época, maquinário, implementos e fomos atingindo uma condição de produtividade razoável.

O sr. disse que já cultivou laranja (citrus), e plantou cana depois, certo? O que sentiu depois da cana?

É, foi o que era melhor na época para nossa região, porque até então a citricultura tinha sido muito boa, era uma condição rendosa, farturosa, agregava o pessoal mais na propriedade, enquanto na transformação para a cana-de-açúcar foi esvaziado isso, ficou só lavoura, o pessoal veio para a cidade, houve um desvazio criou uma deficiência de condições de vida para o agricultor.

Não havia mais como manter a agricultura?

É pra nossa região não, já tava difícil, baixos preços, altos custos, e a cana era o artigo do momento, uma condição de ganho e a gente tem que pra ter sobrevivência tem que ter o ganho trabalhar na lavoura simplesmente pela questão de otimismo da agricultura não funciona tem que ter ganho, e a cana trouxe isso na mão do agricultor.

O sr. pode dizer que trouxe mais estabilidade do que a laranja?

Não, do momento, a partir do fim da década de 1990 começou a ser mais vantajoso do que a laranja, a citricultura perdeu muito com a venda da indústria dos cooperados que era a Frutesp, teve aí um período de fracasso na citricultura, o preço da fruta foi muito baixo, e os custos para manter a produção era muito alto e do lado produzindo cana e cara tinha ganho uma segurança muito boa, e o tipo da lavoura que foi formado na região foi só cana, então teve que se acompanhado o que estava sendo plantado na época.

Essa transição para a cana-de-açúcar foi parcial ou total?

Foi parcial, primeiramente iniciei com uma parte da propriedade com cana senti o efeito e aí passei totalmente, acabei com a citricultura.

A sua escolha pela cana teve relação com o Proálcool?

É o Proálcool era o que dizia as normas do setor canavieiro, e trazia uma condição de mais segurança para o produtor.

O sr. quer falar algo sobre o Proálcool?

O Proálcool, o que era passado para o produtor era muito pouco de orientação sobre o que era o Proálcool. O que a gente conhecia era que ele trazia benefícios em valores, o produto que a gente tinha que era a cana tinha que estar atualizado com o que era de valor do melhor.

O comportamento da usina em relação ao produtor o que o sr. acha sobre isso atualmente?

Ainda é boa, mas é diferente de quando iniciou, a lavoura de cana na nossa região quando iniciou aqui a usina dava um tratamento para o produtor como uma condição de parceria, que hoje já é diferente hoje é calculado mais as vantagens para a usina, produtor ele tem que trabalhar e se submeter aquilo que a usina vai determinar.

E o sr. começou como fornecedor de qual usina?

Da antiga usina Andrade (Ibitiúva).

Hoje o sr. continua na mesma?

Não, eu forneço pra Virálcool.

Nessa opinião, o sr. acha que o Proálcool veio para ajudar o usineiro ou o produtor?

O Proálcool, acredito eu que ele foi formado em torno do que era a parte industrializada, que era a usina no caso ela vinha com uma grande parte do produto próprio, de lavouras próprias, e o fornecedor veio se agregando com a usina e foi muito vantajoso na época porque era pago a cana pelo teor de produção do subproduto que é a sacarose, e hoje é diferente a usina veio se aprimorando em benefício próprio hoje ela paga em condições relativas mediante ela tem uma boa matéria e ele vai receber tanto quanto o outro que tem um material diferente.

A Cooperativa (Associação) colaborou pra ajudar o usineiro e o produtor? Ela tem feito um bom intermédio?

Eu sou cooperado tanto na Coopercitrus, quanto da Copercana, as duas tem uma finalidade de intermediar entre o produtor e a indústria, no consumo de fornecimento de produtos para a

agricultura e dar condições para o produtor trabalhar no período da safra. Ela é muito importante ela tem um significado muito importante perante os associados.

O sr. faz parte da Associação (Canaoeste) também? O processo de escolha foi como?

Desde o início que eu mudei pra cana eu faço parte da Canaoeste não foi escolha, é que a época em que eu iniciei pra cana a partir dos anos 1980, a entidade que tinha na região era a Canaoeste, depois surgiram outras, mas como eu já estava na Canaoeste e ela sempre atendeu a tudo que a gente procurava na Associação eu permaneço nela até hoje.

Foi mais por necessidade?

Não foi só uma necessidade, como que eu acho que o produtor ele tem que estar aliado junto com uma entidade, seja a Canaoeste ou uma outra referente a esse tipo de Associação, é muito importante estar agregado a uma dessas associações.

O sr. acha as relações com a usina melhoraram ou pioraram com o passar do tempo?

Eu me sinto assim que a gente está se distanciando da condição da relação de produtor com a usina, no início a usina fazia um atendimento mais próximo com o produtor o fornecedor de cana, hoje ele está se distanciando, se profissionalizando com elementos aí pra dar uma orientação com o produtor, de primeiro era um contato mais direto.

O sr. teve problemas?

Problemas, não, mas eu sinto assim uma dificuldade maior, que primeiro a gente era atendido, um melhor atendimento, hoje a gente pra conversar com o pessoal da usina lá tem que marcar horário e nem sempre é atendido.

Atualmente o sr. mora no campo ou na cidade?

Eu moro na cidade já a bastante tempo, assim que meus filhos tiveram condições de idade para entrar na escola eu procurei ficar próximo da escola pra eles.

O sr. só nasceu no sítio?

Sim, eu vivi muito tempo no sítio ainda, morei no sítio até 1976, depois mudei pra cidade em Viradouro.

Quais as razões que o levaram a mudar para a cidade?

Pra dar uma condição assim melhor pra meus filhos morarem mais próximos a escola. Porque o campo ficou assim muito distante das escolas.

O sr. assumiu outras funções?

Trabalhei na parte industrial num período de 10 anos, aí eu voltei pra lavoura novamente.

Qual o grau de escolaridade do sr.?

Eu tenho, na época o primário completo, fiz técnico agrícola e técnico em mecânica.

Ajudou na lavoura, para administrar a propriedade?

Na lavoura sempre tem o maquinário e muitas coisas que tinham necessidade de serem feitas eu tinha conhecimento para fazer.

É casado? Tem filhos, eles moram com o sr.?

Sim, tenho um casal, não moram mais comigo, atualmente são casados e moram fora.

Nesse período cultivando cana, qual a sua opinião em relação a postura dos governos diante da agricultura, dos políticos, dos presidentes que se passaram?

Tivemos épocas boas e tivemos épocas que ficamos desamparados, o período bom da lavoura foi os anos 1970 e 1980, nós tivemos condições pra que fizéssemos financiamentos e fizesse compra de maquinário muito boa, e nos últimos anos na década de 1990 começamos a ficar desamparados na agricultura, não tinha proteção nenhuma e ficamos a desejar, os agricultores passaram a acumular dívidas os custeios que foram feitos o que produzia era insuficiente para sobrevivência e pagar os compromissos. Hoje já está havendo uma melhoria, uma paridade assim entre os gastos e a produção um pouco mais adequada.

Sobre o ministério da agricultura, o sr. sentiu apoio em algum nome, algum ministro foi mais participativo na nossa região?

Eu posso citar dois ministros que se empenharam mais em nossa região, o Platino de Moraes e logo em seguida o Roberto Rodrigues, eles participaram, ficaram atuantes com a nossa região, não só com a nossa região, mas com a agricultura no geral, mas eles foram muito importante na nossa região.

Por que seus filhos não continuaram na agricultura com o sr.? Faltou incentivo?

Não é que faltou incentivo, nas condições de uma propriedade pequena talvez não vai sobrando espaço pra quem venha em seguida, e eu ainda tava na ativa e eles estudando foram tendo conhecimento de outros segmentos e se interessaram por aquilo, não faltou incentivo não, eu até gostaria que um ou outro dos meus filhos participassem junto comigo na agricultura, mas o espaço era pequeno, aí encontraram outro segmento e se identificaram com aquilo.

Se hoje fosse para o sr. escolher adquirir uma propriedade agrícola qual seria sua decisão, continuar na área ou investir em algo diferente?

Eu continuaria sim, provavelmente na agricultura, o pouco que eu sei trabalhar é em cima da lavoura, tive conhecimento com a lavoura de grãos, desde a época do café, passando pela citricultura e a cana-de-açúcar, eu me sinto assim numa condição de trabalho o pouco conhecimento que eu tenho é em cima da lavoura, da agricultura, eu jogaria minhas cartas ainda todinha na agricultura.

Sr. José muito obrigado, tem mais alguma coisa que o sr. deseja falar, relatar, que seja importante para o sr.

O que eu sinto da lavoura de grãos, com o tempo da citricultura, eu acho que ficou um vazio muito grande no período que foi acabando o patrimônio que tinha na agricultura, o pessoal que vivia diretamente no campo, na roça, e vieram todos pra cidade esvaziou o campo e eu acho que isso diminuiu muito a produção, o consumo de lavoura que supre a alimentação, isso foi ficando um vazio eu acho muito importante, aquela época em que o pessoal morava na roça participava diretamente na lavoura, a moradia, a produção era todinha na lavoura.

B – Entrevista com o sr. José Matheus**Qual é o nome completo do sr. e dos seus pais?**

Meu nome é José Matheus, João Matheus (Pai) e Emília Bruschini Matheus (Mãe).

Onde e quando nasceu?

Nasci em Viradouro em 21 de outubro de 1937, no sítio mesmo.

Seus pais trabalhavam com o que? O que produziam?

Com roça e gado, meu pai tinha roça, era assim sabe... mas tinha... “catava” roça nuns “pedacinho” e tinha pasto, tirava leite.

E eles eram donos da propriedade?

Eram. Eles tinham 30 alqueires, talvez um pouco mais acho que 33... eram separados ainda, não num lugar só.

E o senhor continuou trabalhando nesta mesma propriedade?

Não, eu sai antes... Eu fui pra Pontal (risos), eu fui trabalhar num posto de gasolina.

Como o senhor adquiriu sua propriedade?

Aí eu vim embora. Fiquei 2 anos lá, aí peguei os ônibus, cismeiei em comprar, eu tinha ônibus e caminhão, aí foi sobrando dinheiro e eu comprei terra. Eu comprei 7 alqueires no Banharão perto do Macaco ali do lado. Depois eu vendi, deu um lucro bom, comprei 15 alqueires na beira do rio (Pardo), o do Robson, aí eu vendi esse que era na beira do rio e comprei esse o que era do “Oliveira”, esse que eu tenho lá.

O que o sr. tem atualmente é o do Banharão?

É, é o que eu tenho até hoje lá no Banharão. Tem a parte de lá e outra parte de cá.

Antes do sr. plantar cana de açúcar o que cultivava na propriedade?

Laranja.

Era mais ou menos anos 60, 70?

Ah... eu acredito.

As usinas já existiam em Viradouro?

O “Luizin” (Andrade) que fez eu plantar cana. Eu tinha uns 5 alqueires com pomar de laranja pra arrancar pra plantar laranja nova, aí ele fez eu plantar cana.

E o sr. sentia que a agricultura estava boa? Dava pra ganhar dinheiro com a cana?

Nossa eu comecei com 5 alqueire de cana... ranquei o resto. Eu panhando laranja e roçando. Dava um dinheiro, aquele tempo dava dinheiro, e outra... terra de laranja dava 4 mil tonelada de cana.

E o sr. mudou da laranja pra cana por que?

Tava dando mais dinheiro.

A laranja estava em crise?

Vixe, pra mim vender o último ano eu precisei dá a cota da força, eu precisei dar R\$0,20 por caixa, eu panhava por minha conta, eu levava, ainda que “eles” ficou com dó de mim (risos). Senão eles num comprava.

Depois que o sr. começou a plantar cana como estava a situação?

Ah eu falo assim, foi melhorando né, eu fui começando as terras, foi melhorando.

Nesse período de transição da laranja pra cana teve alguns anos ruins e outros bons?

Teve... eu fiquei com 3 alqueires sem colher. E eles me pagou pouco até a Andrade tava... toda vida eu entreguei pra Andrade... (barulho vindo da rua – propaganda eleitoral).

Então o sr. plantou laranja um tempo?

Não, eu peguei plantada já.

E qual foi o motivo para preferir a cana do que a laranja?

O preço

Como iniciou a plantação de cana?

É eu comecei com os 5 alqueires de laranja e... vamo plantá cana, vamo plantá cana e... aí eu plantei 5 alqueires.

Faz tempo que o sr. começou a plantar cana?

Faz, faz mais de 20 anos. Aí eu fui aumentando a cana.

Neste período em que o sr. estava começando o plantio de cana existia o Proálcool, o sr. acha que isso estimulou o produtor?

Sabe o que é isso aí, eu sempre fui com os outros, eu sempre fiz assim. Eu plantei vendo o que dava mais dinheiro né, vendo pro Proálcool... Óh se eu tivesse na laranja eu tinha pifado, tivesse teimado. Os pomar era veio. Eu sabia o que eu fazia, o pomar da laranja nova ia demora, eu comecei rancar 5 mil pé, era o sítio inteiro, o sitinho que eu vendia laranja, aí eu comecei arrancar pouquinho, eu vou num pé de cada vez né?

E entro a cana, aí i Luizín e o Constant vinha aí em casa, vamo planta cana, vamo planta cana.

Faz uma propaganda?

Nossa Senhora!! Aí foi que eu plantei.

Em relação à usina, o que o sr. tem a falar, na relação usina e produtor?

Pra mim... toda vida foi bom. Você sabe que eu nem vou atrás de ver preço, se tem que cortar eu corto e se eu plantar eu ranco mesmo se der uma diferença de uma pra outro.

As vezes tem uma briga no CCT (Corte, Carregamento, Transporte)

Não (risos), eu não sei nem quanto eu paguei desse preço aí.

Né? não adianta... as vezes eu vejo gente que briga nesse preço aí, você acaba ficando como chato dentro da usina, não é?

O sr. acha que a Cooperativa (no caso Canaoeste) ajuda na relação do produtor com o usineiro?

Eu acho que ajuda, acho não, ajuda... qualquer coisinha a gente sabe que resolve lá né. Esses dias mesmo pegou fogo lá na cana né, o homem da laranja começou a ficar bravo, aí eu falei

pro teu pai (Agrônomo da Cooperativa), aí ele falou vamos fazer tira foto, fazer tudo, que nós vamos precisar de advogado e o advogado é da Canaoeste... é uma folga também né?

O sr. se lembra quando entrou para a Cooperativa?

Num lembro também. Foi quando começou a vir essas cooperativas, eu tinha entrado na Copercana, de Pitangueiras, mas lá na loja que nem eu sou da Coopercitrus sabe. Eu ainda não tinha nada com cana. Depois que começou vim pra Viradouro. Como é que chama aquela outra que também tinha aqui?

Unicana.

É, eu era aquela lá. Aí eu arrendei umas canas pra eles, e teve um problema comigo. Depois eu fui e tirei tudo, passei tudo pra Canaoeste. E o seu pai já trabalhava lá.

Com a valorização do álcool a relação do produtor com a usina modificou-se?

Pra mim não mudou nada não, eu nunca fui atrás de preço, eu sempre fiquei quieto aqui. Não adiante a gente mudar de usina pra usina.

Atualmente o sr. mora na cidade né?

Toda vida eu morei na cidade, não... eu nasci no sítio, morei um tempo no sítio, de pequeno (infância).

Além de agricultor o sr. teve outras funções?

Aqui em Viradouro não, foi lá em Pontal... ah quando eu voltei eu mexi mais com ônibus, fui motorista dos ônibus do meu pai, tinha caminhão de transporte... mais não eu, com motorista, consertava, é eu mexia... (era mecânico também)

Qual era a escolaridade do sr.?

Fui até a 4ª série. Eu tava doido pra sair (da escola). Vixe minha mãe mesmo tirava menos de 5 ela ficava doente... na 4ª série naquele tempo pegava diploma né... Eu peguei, eu tirei... o João meu irmão não pegou, minha mãe ficava doente com aquilo lá. Todos os irmãos estudaram só o João que não. O João entrou como mecânico de oficina aí, se integrou com esses caras aí e acabou não estudando.

E esses estudos ajudaram o senhor na administração da propriedade?

Ah ajuda né, sempre ajuda... isso daí eu nem sei mais... só de conta que eu sou bom. Mas esse negócio de outras coisas eu nem sei mais. Eu sai da escola, vamo por que eu saí em 1960, não com 12 anos (1949) é... mais ou menos não lembro direito, e eu tô até hoje sem ir na aula. Eu “puxava” uns estudante 15 anos eu puxei, mais de 15 anos... até os conhecido falar entra lá entra lá, vamo assisti aula em Bebedouro né, eu num ia.

O sr. estudava na cidade mesmo?

Foi, aqui em Viradouro, onde é a Sandoval hoje. Só tinha esse (Grupo Estudantil).

O sr. já foi casado? Teve filhos?

Fui, dois. Ah? A Emília estudou (Licenciatura), depois casou, e largou. E o Fabinho (Fábio) se formou em Medicina e tá lá pelejando.

Nesse período de agricultura que estamos falando, década de 80 e 90, o senhor queria falar alguma coisa sobre os presidentes, o que achou deles, o sr. acha que algum governo foi melhor pra agricultura?

Pra mim era tudo igual (sorriso), e era mesmo. E eu nem ia atrás disso sabe, eu sou um (só)... então, tinha gente que dizia que tinha crise, tava ruim, tava nada, tudo a mesma coisa, todo mundo que entrou lá era igual, não era?

O sr. não sentiu apoio?

Não.

Em relação à algum ministro da agricultura o senhor não sentiu apoio também? Não teve algum nome que se destacou né?

Sinal negativo com a cabeça.

Por que seus filhos não continuaram na agricultura como o sr.?

Eu e a mãe dele fizemos a cabeça dele, do Fabinho, pra ele sair fora da área do pai. Ele tinha vontade de estudar e jogar bola (risos), ele falava lá pra turma dele (faculdade) lá em São Paulo na escola que ia comigo na roça, mas nunca foi... eu olhava ele desde pequenin eu precisava olhar ele, mas eu achei bom ele sair fora de mim.

E outra você já pensou hoje em dia ficar sem estudo, nossa senhora! E eu pelejava... Ele tava treinando no Guarani, em Campinas, um dia eu fui lá buscar ele... eu levava e buscava, ele era

molecão, aí eu entrei lá onde ele dormia, falei: “Fabin, ficar num lugar sujo igual esse, entra num estudo, larga mão disso sô, você não gosta de estudar?”, então vai estudar.

E ele gostava, toda vida foi aluno bom e ele gostava... Ele tinha feito Espaço Livre (Colégio particular em Bebedouro).

Depois que ele veio embora, os caras que treinavam eles vieram buscar ele, mas eu falei que não, que não ia voltar não. Ele mesmo sabia o que ele queria fazer, ele sempre gostava de fazer medicina.

Hoje se fosse para o senhor escolher adquirir uma propriedade e se envolver com agricultura, qual seria sua decisão?

Comprava, comprava e se puder eu compro ainda. E plantava cana.

Conversa informal gravada.

Eu gosto de agricultura, disso daí, eu não tô nem podendo trabalhar mais, mais eu gosto né, vou até quando der, se Deus quiser.

Muitos dizem que queriam plantar outra coisa (cultura), por que a cana de açúcar com esses problemas da queimada me causam muito problema...

Eu não penso isso, ah se os outros tocar eu também toco, eu penso isso. Quando o Fabinho começou a estudar ele falava: “ah já tô pagando o estudo, vou pagar pra fazer Medicina”, e eu falava: “Óh Fabin, se chover eu aguento, eu sabia quanto eu ganhava por ano e eu sabia o que eu ia pagar lá sabe... aí ele se formou. Então eu sabia, se Deus mandasse chuva eu falei (risos), agora eu guento sim, pode estudar sim.

Bom foi a cana que ajudou.

É foi, a laranja também ajudou, bom, no fim ela não tava dando mais.

Falei um pouco sobre o trabalho para o entrevistado.

Teve alguns anos ruins, que eu passei a acreditar, eu tinha um caminhão e eu vendi, tinha uma camionete e vendi, tinha um trator (292) novo e precisei vender, não vendi terra, no começo... pega esses monte de ferro e paga as dívidas. Teve aqueles anos ruins, que a Usina não pagou direito, e eu fui vendendo.

Estive conversando com alguns agricultores em Sertãozinho e eles disseram que passaram algumas dificuldades no período do governo do Fernando Henrique.

Mas você sabe o que que é isso, é quando o cara entra apertado.

O caso meu desse ano que eu te contei, que precisou vender as coisas que eu to falando, a gente tem um ano apertado e vem pouco depois, aí eu me ferrei né... ferrei não, eu vendi as coisas aí que eu tinha de ferro e... acertei lá, acertei tudo...

C – Entrevista com o sr. Milton Debage



Qual é o nome do sr. e dos seus pais?

Milton Debage, Orlindo Debage (pai) e Lúcia Bossonaro (mãe).

Quando e onde o sr. nasceu?

Eu nasci em Taiacu aos 28 de maio de 1944.

Sr. Milton, seus pais nasceram em Taiacu? No sítio?

Em Taiacu também, minha família é tudo de roça. Tudo agricultor.

O que eles faziam, produziam?

É nessa época era mais parte de cereais né... era parte de roças mesmo né... o amendoim, a mamona, o arroz, o feijão, o milho, e o que era base de sustento da propriedade né... que era as criações de gado, de porcos, galinha, é o que eles tinham no passado era essas o que eles mais mantinham né.

O sr. tinha quanto irmãos?

Eu tive 5 irmãos.

Como e quando adquiriu sua propriedade?

É eu comecei a namorar a dona Teresa né, aí meu sogro sendo um grande fazendeiro aqui da região... nós casamos em abril de 1971, e eu fui trabalhar na fazenda do meu sogro, que era cultura de laranja, foi a base de 1970 né, e eu casei em 71, então formamos a fazenda e eu fui trabalhar com eles lá.

Aí ele tinha uma fazenda de gado denominado “Alvorada”, então ele dividiu para os genros, e inclusive eu tive essa felicidade e essa sorte... ele deu 25 alqueires pra mim, mas os cunhados meus né, e naquela fazenda permanecemos a família toda juntin e ficamos lá até hoje.

O que fez o sr. de Taiaçu vir pra Viradouro?

É de fato foi o casamento né. É porque eu já trabalhava em roça lá em Taiaçu, trabalhava em viveiro de laranja, formando mudas de laranja, era uma coisa bem rentável pra mim, então eu peguei isso como um ganha-dinheiro pra mim, efetivei muitos anos neles né aí, depois casei e vim embora pra Viradouro.

E na sua propriedade o sr. iniciou com Laranja?

Não. Lá era pasto né, o meu sogro tinha um gado nelore muito bom nessa propriedade né, que ele adquiriu com o dinheiro da laranja de outra propriedade dele, comprou essa fazenda Alvorada né, e depois ele resolveu acabar com o gado e resolveu fazer as divisões com os genros. No qual até hoje eu permaneço até hoje.

Como era sua vida antes de plantar cana-de-açúcar?

Ah, eu era roça né. Era uma plantação de soja, mamona, amendoim.

Não tava boa, na época o governo pagava preço muito irrisório, aí surgiu o Proálcool em 1980, então foi as formações das usinas aqui de volta do nosso município.

Então a situação começou a melhorar depois do Proálcool?

Sim, depois que entrou a cana né. Aí eu com grande amizade na indústria lá do Andrade lá de Ibitiúva né e fui... fiquei parceiro lá da indústria foi até onde eu comecei a segurar uns troco a mais né (sorriso), aí comecei.

E essa transição para a cana foi total ou o sr. continuou plantando outra cultura?

Não, laranja eu nunca plantei, eu tava com soja, milho, mamona, amendoim, mas laranja não, laranja nunca plantei... já entrei logo de cara na cana com tudo já né. E arrumei uma parceria muito boa lá com a indústria do Luizín Andrade então fiquei... ali eu cresci, graças a Deus.

É a gente sempre trabalhou nessa área de roça né, a gente mesmo que tocava né, nunca foi problema trabalhar, pra mim não, o trabalho não, sempre enfrentei ele bravamente né e cresci, graças a Deus.

Dá pra afirmar que o Proálcool foi bom?

Pra mim foi, principalmente na ocasião em que era os militares, que os militares via muito a agricultura, e o Proálcool estourou mundialmente então... foi uma mão na roda pra nós, então acompanhei junto também, foi bom, graças a Deus na minha vida foi maravilhoso.

Essa relação da usina com o produtor sr. Milton, o que o sr. acha?

Tem, e muito, hoje tem usinas que eles... por exemplo acho que eles cresceram demais...

O sr. teve contato com outras usinas?

Tive, três usinas, com a Virálcool, agora estou passando em fase dela. Mas o primeiro foi a Andrade, segundo Santa Elisa, e agora Virálcool... agora eu tô achando um pouquinho diferente dos modos de Virálcool e as outras em que eu passei porque aqui parece que é muita gente que manda e poucos que resolve, e no meu sistema de vida é diferente eu gosto que pouco resolve e muitos trabalham sabe? É muita burocracia... muita chefia, então sei lá, é o segundo ano que eu tô lá, tô entrando né, mais vamo tocando, é uma vida trabalhosa seja num lado ou seja no outro, a gente tem que ir aguentando as pontas né?

O sr. acha que o Proálcool veio pra ajudar a usina ou o produtor?

(Risos) Aí você me pegou em cara! Veio, veio pra ajudar mais os donos de usinas, sim, é porque nós os donos de roça, donos de terras nós somos os últimos, nós viemos sempre dependendo, é o lado fraco, e se a corda só arrebenta do lado fraco, eu ainda graças a Deus posso me chamar de bravo, que eu lutei muito adquirir muitas coisas, mas hoje já não consigo mais nada, pra conseguir pouco tem que lutar muito, pegar firme mesmo, isso tem.

A Cooperativa (Associação), as associações que existem o sr. acha que faz uma boa intermediação entre usineiro e o produtor?

Faz, faz sim, principalmente os associados né, eles sempre pegam em grande quantidade adubo, outros insumos, venenos, matérias-primas no qual a gente usa né, como máquinas, pulverizadores, eles ajudam muito sim, eu estou muito satisfeito.

Quando o sr. começou a fazer parte da Cooperativa?

Faz tempo, já faz mais de... (pensando), vixe agora você me pegou hein. Mais de 20 anos, justamente, na era do Proálcool, tem diversas cooperativas na nossa região, a Coopercitrus é a que avançou mais em primeiro plano, fundou mais rápido, e depois vieram as outras, a Copercana, Cocred (Crédito Rural), mas essa ainda como já diz né eu ainda to devagar, eu ainda tenho, to podendo me manter com as minhas forças né, então a gente fica meio restrito

de pegar lá no banco, deixa meio amedrontado né, e passando uma época muito ruim sabe, época em que a cana deu uma bela caída em preço né, vai ficando mais velha.

O sr. lembra dos anos que foram piores, nesse período? Anos 90?

90, isso mesmo, bem lembrado, anos 90, foram anos muito terríveis, a gente pra fazer um dinheirinho tinha que por muito produto dentro das indústrias, e pagamento muito ruim, é os governos né, transições de governos então cada um via de uma modo né, uns gostaria sempre de ajudar sempre os grandes industriários né e os pequeninin tinham que se lascar né, como é o caso meu né, o meu caso né. Mas graças a Deus a gente é uma pessoa bem controlada né, familiar também, e a gente vai tocando essa vida que Deus nos dá, meios aos trancos e barrancos.

Atualmente o sr. mora na cidade? O sr. nunca chegou a morar no sítio?

Moro na cidade, não nunca cheguei (morar no sítio)

O sr. tem outras funções além de agricultor? Ta envolvido com o comércio?

Não, não a minha vida sempre foi roça, sempre foi agricultura.

Qual é a sua escolaridade sr. Milton?

Eu sou semi-analfabeto filho, eu sou 4º ano do escolar, aos 7 anos eu fui trabalhar para o meu pai, para a minha família, porque antigamente a gente era mais sofrido ainda, porque o passado meu deu escolaridade foi ainda até que eu graças a Deus consegui tirar um diplomazinho né, porque eu precisava sair pra catá algodão pra sustento da minha família né, junto de meus familiares (irmãos) e ainda consegui entrar em 9 de março a voltar pra escola e findar aquele ano e ganhar meu diploma ainda.

E esse conhecimento ajudou na agricultura?

É o conhecimento meu, o pouco de escolaridade que eu tive me deu grande resultado hoje, é cálculos né, porque hoje se você não teve matemática e bicho cata, tudo que você tem é tabulado né, mesmo no fim pra você não se cair em contradição no fim. Se eu não me controlar nisso daí, então a situação desanda, porque é difícil você hoje precisa de muito cálculo, saber comprar vender, você não sabe vender porque não é a gente que põe o preço né, mas na hora de comprar é sempre uma chorada pra que a coisa derrube um pouco o preço pra ter um fim melhorzinho no fim daquilo que a gente está usufruindo.

O sr. é casado? Quantos(as) filhos(as)?

Sou casado, eu tenho três filhas maravilhosas, xique no último, seis netos, elas são casadas, todo mundo trabalhando, todo mundo na sua atividade, e o veinho tá aqui meio perrengue, meio danadão, mas tamo rodando.

Sr. Milton no período cultivando a cana-de-açúcar, o sr. tem alguma opinião sobre os presidentes, os governos que ocorreram, sobre os ministros da agricultura?

Olha agora está sendo uma época difícil, não teve incentivo né, embora que eu sou uma pssoa muito reservada nessa parte, porque se você mete o nariz no banco você não sai mais, aí você vende um pedaço da tua propriedade, vende uma máquina, vende um outro bem teu, que você adquiriu com muito trabalho, muitos anos.

Atualmente o sr. acha que o governo está difícil, nesses dois últimos governos, mas, anteriormente o sr. achava que os agricultores tinham mais voz?

Tinha, principalmente vou falar a você o tempo do “militar” foi o melhor governo que nós tivemos, todos os mais entendidos, os mais famosos, os mais grandões, falavam que era ditadura, ditadura nós tamos passando hoje meu filho, hoje nós tamo preso a qualquer coisa aonde você caiu, num banco, numa cooperativa, numa firma de máquinas, de implementos, você se não souber daquilo ali logo hoje sim você tá perdido, porque eu tenho assistido muita televisão principalmente a parte de rural, o globo rural que nos ensina muita coisa ótima a gente vê muitos amigos chorando, reclamando, no qual a gente chora junto com eles por ver eles trabalharem tanto e serem mal remunerados e os bancos caindo em cima e tomando tudo que foi adquirido num passado trabalhoso um trabalho memo difícil, árduo então eu sinto muita tristeza quando eu vejo os bancos tomando o que a pessoa pesou com muito trabalho.

Por que seus filhos não continuaram, no caso suas filhas? Ou seus genros?

Ah, porque eu (risos), não, não quero que eles sofram o que eu sofri não, eh, inté tenho muito orgulho e vou te dizer agora, eu formei um genro que era um menino assim de família pobre que nem eu, já formei ele de piloto de aviação, que eu num quero que ele siga que nem eu não, nenhum dos meus genros eu quero, outro é caminhoneiro, outro trabalha dentro de uma indústria, não quero que eles sofra o que eu sofri não, não quero que eles rapa tatu com a unha não.

Hoje em dia, 2010, o sr. com dinheiro na mão, se envolveria com agricultura, se fosse pra decidir, comprar uma propriedade, plantar cana-de-açúcar?

Olha, eu não tenho esse objetivo não, porque pra mim morre eu já tenho 25 alqueires que meu sogro e a minha sogra me doaram, então eu já tenho um pedaço de... que já vou largar pra esses genros meus, to trabalhando pra eles pra minhas filhas pros meus netos pra minhas netas, isso eu sei que familiarmente vai ser tudo deles, mas dizer que eu tenho vontade, ganância de comprar eu não tenho não.

O sr. acha não é viável mais?

Eu não sei viu, você sabe que eu sou até um simples pequenininho em estudo, talvez estou falando até uma bobagem, mas não tenho essa vontade não.

Anexos



CENTRO UNIVERSITÁRIO "BARÃO DE MAUÁ"

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
CEP-BM

Registrado na CONEP desde 16/05/2002



**CERTIFICADO
PROTOCOLO APROVADO**

Ribeirão Preto, 23 de julho de 2010.

Comunicamos que o projeto encaminhado por V.Sª foi analisado e considerado **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário "Barão de Mauá" em reunião realizada no dia 30/06/2010.

Protocolo: 449/2010

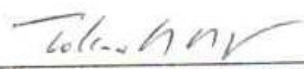
Projeto: "A cana-de-açúcar no município de Viradouro: relatos de agricultores (1980-1990)".

Pesquisadores: Orientador: Prof. Dr. Wlaumir Doniseti de Souza
Aluno: Antonio Leandro Dias Pagotto

OBS: O CEP entende que o item sobre a justificativa é importante por diferentes razões metodológicas, mas principalmente para que o pesquisador (aluno) exponha seu efetivo envolvimento com a problemática, haja visto a importância sócio econômica do mesmo, pois envolve grandes e pequenos interesses econômicos na região. Em consequência, é importante esclarecer os critérios de escolha dos sujeitos – agricultores – (quem são eles e seus envolvimento na problemática).


As sugestões seguem as normas propostas pela Resolução 196/96, que orienta os pareceres deste CEP.

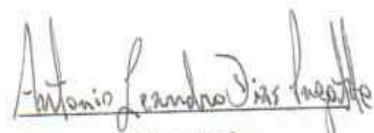
Conforme item VII. 13 da Resolução 196/96, o projeto deverá ser desenvolvido conforme delineado e o **Relatório Final** da pesquisa apresentado ao CEP-BM, bem como comunicar qualquer intercorrência no desenvolvimento ou interrupção do projeto.


Profª Dra Tokiko Murakawa Moriya
Coordenadora do CEP-BM

Carta de Informação ao Sujeito

Eu *Antonio Leandro Dias Pagotto*, através da entrevista do trabalho monográfico "*A cana-de-açúcar no município de Viradouro: relatos de agricultores (1980-1990)*", orientado pelo Prof. Dr. *Wlaumir Doniseti de Souza* venho informar ao entrevistado que as informações cedidas serão utilizadas para a escrita deste trabalho. Este que tem por objetivo pesquisar a memória da sociedade sucroalcooleira, como ela surgiu, sua história, como foi seu crescimento diante das dificuldades oferecidas pelo cenário agrícola regional e nacional. É fundamental esclarecer que os comentários permitidos pelo entrevistado será de grande importância para a concretização da pesquisa e posteriormente sua publicação, disponibilizando à sociedade seus comentários.


Entrevistado


Pesquisador

Carta de Informação ao Sujeito

Eu *Antonio Leandro Dias Pagotto*, através da entrevista do trabalho monográfico "*A cana-de-açúcar no município de Viradouro: relatos de agricultores (1980-1990)*", orientado pelo Prof. Dr. *Wlaumir Doniseti de Souza* venho informar ao entrevistado que as informações cedidas serão utilizadas para a escrita deste trabalho. Este que tem por objetivo pesquisar a memória da sociedade sucroalcooleira, como ela surgiu, sua história, como foi seu crescimento diante das dificuldades oferecidas pelo cenário agrícola regional e nacional. É fundamental esclarecer que os comentários permitidos pelo entrevistado será de grande importância para a concretização da pesquisa e posteriormente sua publicação, disponibilizando à sociedade seus comentários.

Jose Mothuis

Entrevistado

Antonio Leandro Dias Pagotto

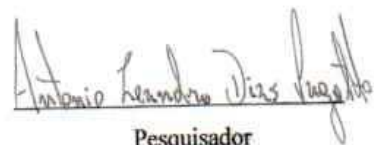
Pesquisador

Carta de Informação ao Sujeito

Eu *Antonio Leandro Dias Pagotto*, através da entrevista do trabalho monográfico "*A cana-de-açúcar no município de Viradouro: relatos de agricultores (1980-1990)*", orientado pelo Prof. Dr. *Wlaumir Doniseti de Souza* venho informar ao entrevistado que as informações cedidas serão utilizadas para a escrita deste trabalho. Este que tem por objetivo pesquisar a memória da sociedade sucroalcooleira, como ela surgiu, sua história, como foi seu crescimento diante das dificuldades oferecidas pelo cenário agrícola regional e nacional. É fundamental esclarecer que os comentários permitidos pelo entrevistado será de grande importância para a concretização da pesquisa e posteriormente sua publicação, disponibilizando à sociedade seus comentários.



Entrevistado



Pesquisador

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de Cessão de Direitos sobre depoimento oral identificado

Pelo presente documento, eu José Carlos Porcionato,
 ora denominado Depoente, de nacionalidade brasileira, estado
 civil casado, Profissão Agricultor, carteira de
 identidade nº 5274567, emitida por _____, CPF
 nº 078 458 398-68, residente e domiciliado em Bebedouro, Rua
São João nº 5

autorizo, cedo e transfiro neste ato, voluntariamente e gratuitamente, em caráter universal e definitivo aos pesquisadores Profa. Dra. Celeste A. Pereira Barbosa; Profa. Dra. Dulce M. Pamplona Guimarães; Profa. Dra. Edna A. de Carvalho Pacheco; Prof. Ms. Lilian R. de Oliveira Rosa; Profa. Dra. Marlene de C. Trivellato; Prof. Esp. Vera H. Berti Passeto e Prof. Dr. Wlaumir Doniseti de Souza e/ou ao Centro Universitário Barão de Mauá no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Metodologia da Oralidade, de forma individual ou em conjunto, a totalidade dos direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no ano de 2009, na cidade de Ribeirão Preto – SP.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o Depoente, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá indefinidamente, o direito ao exercício dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, na forma original ou transcrita, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização e em qualquer formato e/ou suporte técnico. Fica pois os pesquisadores e/ou instituição acima nomeados plenamente autorizados a utilizar o referido depoimento oral e visual, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo os direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo a participação do depoente voluntária, fica, este, portanto, a qualquer momento autorizado a desistir de participar da entrevista durante o procedimento de coleta oral. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a Instituição na qual é realizada a pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em acrescentar dados orais e/ou documentais materiais e/ou imateriais, favorecendo um resultado mais eficaz.

Eu, x José Carlos Porcionato, fui informado dos objetivos da entrevista de maneira clara e detalhada, sendo esclarecidas todas as dúvidas. Estou ciente de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Declaro que entendi os objetivos, benefícios e riscos da participação e por isso concordo em participar e ceder os direitos atinentes a esta entrevista.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento

Ribeirão Preto, x José Carlos Porcionato

Nome do cedente: x José Carlos Porcionato
 Nome do pesquisador entrevistador: Antonio Leandro Dias Pinheiro

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de Cessão de Direitos sobre depoimento oral identificado

Pelo presente documento, eu, José Mathias, ora denominado Depoente, de nacionalidade brasileira, estado civil viúvo, Profissão Agricultor (Aposentado), carteira de identidade nº 3.432.025, emitida por SP, CPF nº 205.007.938-91, residente e domiciliado em Silveiras, nº 37 no município de Viandano

autorizo, cedo e transfiro neste ato, voluntariamente e gratuitamente, em caráter universal e definitivo aos pesquisadores Profa. Dra. Celeste A. Pereira Barbosa; Profa. Dra. Dulce M. Pamplona Guimarães; Profa. Dra. Edna A. de Carvalho Pacheco; Prof. Ms. Lillian R. de Oliveira Rosa; Profa. Dra. Marlene de C. Trivellato; Prof. Esp. Vera H. Berti Passeto e Prof. Dr. Wlaumir Doniseti de Souza e/ou ao Centro Universitário Barão de Mauá no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Metodologia da Oralidade, de forma individual ou em conjunto, a totalidade dos direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no ano de 2009, na cidade de Ribeirão Preto – SP.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o Depoente, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá indefinidamente, o direito ao exercício dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, na forma original ou transcrita, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização e em qualquer formato e/ou suporte técnico. Fica pois os pesquisadores e/ou instituição acima nomeados plenamente autorizados a utilizar o referido depoimento oral e visual, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo os direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo a participação do depoente voluntária, fica, este, portanto, a qualquer momento autorizado a desistir de participar da entrevista durante o procedimento de coleta oral. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a Instituição na qual é realizada a pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em acrescentar dados orais e/ou documentais materiais e/ou imateriais, favorecendo um resultado mais eficaz.

Eu, José Mathias, fui informado dos objetivos da entrevista de maneira clara e detalhada, sendo esclarecidas todas as dúvidas. Estou ciente de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Declaro que entendi os objetivos, benefícios e riscos da participação e por isso concordo em participar e ceder os direitos atinentes a esta entrevista.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento

Ribeirão Preto, José Mathias

Nome do cedente: José Mathias

Nome do pesquisador entrevistador: Antonio Leonardo Dias Pinheiro

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de Cessão de Direitos sobre depoimento oral identificado

Pelo presente documento, eu x Milton Debafe,
 ora denominado Depoente, de nacionalidade brasileira, estado
 civil casado, Profissão agricultor, carteira de
 identidade nº 6 012 363, emitida por _____, CPF
 nº 34 34 86119-15, residente e domiciliado em Vinadouro, Rua
Luís Guarniero, 58

autorizo, cedo e transfiro neste ato, voluntariamente e gratuitamente, em caráter universal e definitivo aos pesquisadores Profa. Dra. Celeste A. Pereira Barbosa; Profa. Dra. Dulce M. Pamplona Guimarães; Profa. Dra. Edna A. de Carvalho Pacheco; Prof. Ms. Lilian R. de Oliveira Rosa; Profa. Dra. Marlene de C. Trivellato; Prof. Esp. Vera H. Berti Passeto e Prof. Dr. Wlaumir Doniseti de Souza e/ou ao Centro Universitário Barão de Mauá no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Metodologia da Oralidade, de forma individual ou em conjunto, a totalidade dos direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no ano de 2009, na cidade de Ribeirão Preto – SP.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o Depoente, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá indefinidamente, o direito ao exercício dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, na forma original ou transcrita, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização e em qualquer formato e/ou suporte técnico. Fica pois os pesquisadores e/ou instituição acima nomeados plenamente autorizados a utilizar o referido depoimento oral e visual, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo os direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo a participação do depoente voluntária, fica, este, portanto, a qualquer momento autorizado a desistir de participar da entrevista durante o procedimento de coleta oral. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a Instituição na qual é realizada a pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em acrescentar dados orais e/ou documentais materiais e/ou imateriais, favorecendo um resultado mais eficaz.

Eu, x Milton Debafe, fui informado dos objetivos da entrevista de maneira clara e detalhada, sendo esclarecidas todas as dúvidas. Estou ciente de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações. Declaro que entendi os objetivos, benefícios e riscos da participação e por isso concordo em participar e ceder os direitos atinentes a esta entrevista.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento

Ribeirão Preto, x Milton Debafe
 Nome do cedente: x Milton Debafe
 Nome do pesquisador entrevistador: Antonio Leandro Dias Pinheiro